

AVULSO

ESC.
1.20



ANO I—N.º 90

4

FEVEREIRO
1943



Vida Mundial
ILUSTRADA

Entre nós



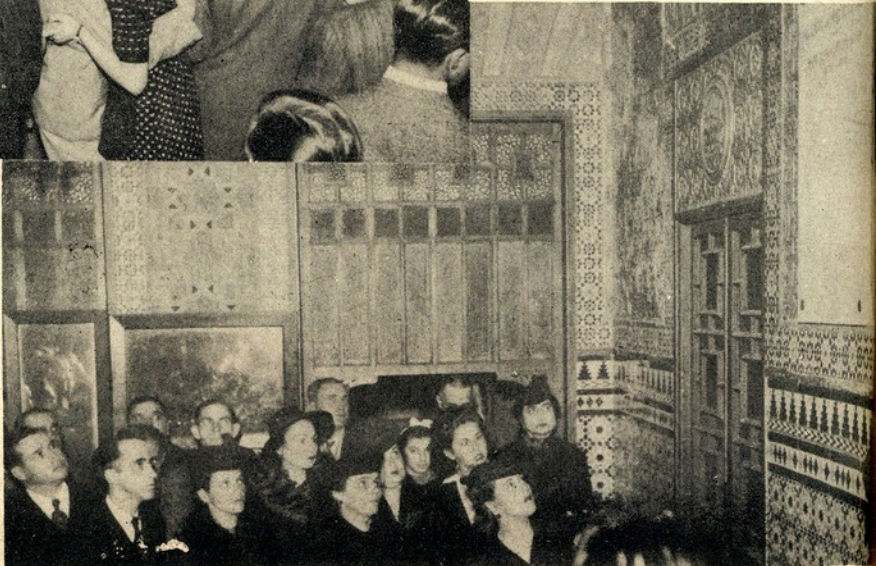
Tomou posse, na última terça-feira, do cargo de Subsecretário de Estado das Colónias o sr. engenheiro Rui de Sá Carneiro, que estava exercendo os lugares de director geral do Fomento Colonial e de secretário geral do Ministério. O acto da posse teve grande significado, não apenas pelas centenas de pessoas que lhe deram assistência, como pelas afirmações produzidas. Acompanhado do titular da pasta das Colónias, o sr. dr. Francisco Vieira Machado, o novo membro do Governo esteve no palácio de Belém, onde, perante o sr. Presidente da República, prestou o compromisso de honra. Apresentou, em seguida, cumprimentos ao sr. Presidente do Conselho, e compareceu no gabinete do sr. ministro das Colónias, onde se celebrou a cerimónia da posse. Usaram da palavra o sr. ministro das Colónias e o novo Subsecretário de Estado.



Na Sociedade Nacional de Belas Artes, inaugurou-se uma exposição póstuma de homenagem ao pintor Benvido Ceia, na qual figuram duzentos trabalhos dos mais expressivos do valor daquele scídoso artista. O produto total das vendas desta exposição, patrocinada pela S. N. de Belas Artes, é totalmente consignado à construção de um mausoleu, à memória do prestigioso extinto.

Na Casa das Beiras, realizou-se, no sábado passado, um baile em honra dos «caloiros» do Instituto Superior de Agronomia. Esteve concorridíssimo e dançou-se animadamente até quasi à meia noite, tendo começado às 15.30.

Os valentejanos prestaram homenagem ao seu conterrâneo — o grande escritor Manuel Ribeiro. Houve uma sessão solene, a que presidiu o sr. dr. Vítor Santos, ladeado pelos srs. coronel Costa Veiga, dr. António Baião, Assis Esperança, D. João de Macedo e Chaves, em representação do sr. governador civil de Lisboa, e Manuel Ribeiro, filho do escritor. Em breves palavras, o sr. dr. Vítor Santos apresentou os conferencistas, srs. Julião Quintinha e rev. Joaquim Alves Correia. Ambos apreciaram a obra do autor de «A Catedral», a sua personalidade independente e a seu valor espiritual. No final, foi descerrada uma placa de mármore — como se vê na gravura — que na Casa do Alentejo ficará a perpetuar os nomes dos alentejanos mais ilustres, entre os quais se destaca hoje o de Manuel Ribeiro.



Um "gigante" do jornalismo português

Homem Cristo

fala a "Vida Mundial Ilustrada"



conta hoje 82 anos de idade. Politicamente, Homem Cristo não exerceu as funções que a sua grande preparação política lhe permitiria ter desempenhado. Enquanto os outros foram tudo, desde chefes de partido a ministros, êle não foi nada. Ou antes: foi apenas jornalista. E, como jornalista, o maior de todos, em todos os tempos, em Portugal.

Panfletário violento, combateu os homens nos seus erros e as doutrinas nas suas tergiversações.

Desde Paiva Couceiro, paladino monárquico, a Afonso Costa, «leader» democrático; desde Raúl Proença, a António Sardinha, que entre si se degladiavam, na discussão dos princípios liberais ou integralistas; desde o eng. António Maria da Silva, defensor dos interesses do partido democrático, ao eng. Cunha Leal, o homem que, com as rajadas do seu grande talento, se propunha destruir o primeiro partido político da República, Homem Cristo a todos castigou na dureza implacável da sua pena e na justeza indiscutível dos seus conceitos.

Foi êste homem singular, que resume em si quasi um século de história em Portugal—êle conhece nos ínfimos pormenores, tôda a história da vida política do País, que vai do reinado de D. Pedro V a nossos dias!—que nós fomos ouvir a Aveiro.

Na sua casa aconchegada e feliz, uma casa moderna, mandada cons-

truit por êle há poucos anos, Homem Cristo recebe-nos acolhedoramente.

Uma linda rapariga, dos seus 18 anos, gentilíssima, duma primorosa educação, conduz-nos ao gabinete de trabalho do vigoroso panfletário.

Uns ligeiros segundos e o gigante está na nossa frente. Um pouco curvado ao pêso dos anos, mas rijo de alma e de cérebro, Homem Cristo convida-nos a sentar e diz-nos:

—Como vê, estou velho. Fraco de pernas, porque o reumatismo, por vezes, impossibilita-me de andar. Mas hoje encontra-me em casa, porque está a chover. Se assim não fôsse, andaria tôda a manhã a passear lá fora no Jardim Público. De cérebro é que estou como sempre fui. E o «Povo de Aveiro» há-de voltar a sair. Eu não vejo nada! Não escrevo, mas falo. E aquela menina que viu agora à entrada não me é nada, mas é como se fôsse da minha família. Eu dito e ela escreve. Escreve à máquina as minhas cartas, os meus artigos. Uma grande secretária que eu tenho! É ela também que diariamente me lê os jornais. Como lhe digo, o «Povo de Aveiro» há-de voltar a sair! Já não tenho máquina de impressão. Vendi-a por 70 contos E é afinal o dinheiro que eu tenho. Hoje vivo da minha aposentação de professor da Faculdade de Letras. Mas, depois da guerra, hei-de adquirir uma nova máquina de imprimir. Tudo se há-de arranjar.

Nas horas calmas do passeio no Jardim Público, o grande jornalista conversa com a sua jovem secretária...

Homem Cristo (Quadro de Dórdio Gomes)

FRANCISCO Manuel Homem Cristo, director do «Povo de Aveiro», o único sobrevivente do primeiro Directório do partido republicano português, que nós fomos entrevistar a Aveiro, é

hoje uma figura nacional.

Há 60 anos que fundou o jornal «O Povo de Aveiro». Ele próprio





Uma foto, que é um documento histórico da vida política portuguesa após a proclamação da República: Homem Cristo no exílio (em Mondariz), em 1911, acompanhado de seu filho Francisco e de outros emigrados políticos

E agora fomos da França e da sua enorme tragédia. Surge Clemeenceau:

É um grande homem! Todos lhe tinham medo. E possuía uma grande qualidade: não lidava com mulheres. Os homens na minha idade devem viver sózinhos — como eu vivo.

Uma teoria, certamente, ou uma verdade, proclamada pelo Tigre que ao sentir aproximar-se a morte, mandou que saíssem todas as mulheres, porque aquilo não era para senhoras... E não podemos deixar de notar, para nós, a estranha semelhança que em vida existe entre estes dois seres, de alma dura, energia rara e virulência estranha.

A conversa está estabelecida e continúa despreocupadamente. O autor das «Cartas de Longe» e do «Pró-Pátria» pugna, hoje como sempre, pela preparação do povo e pela sua educação;

— Todo o problema do povo português é um problema de instrução e de educação. Eduque-se o povo e acabe-se com o analfabetismo. É a minha campanha de cerca de 70 anos de vida pública.

É este problema e a defesa dos interesses da cidade e do distrito de Aveiro, afinal, o que mais o tem interessado e preocupado na sua longa vida de batalhador pelo bem-estar social.

Nós notamos a admiração votiva, o carinho com que a cidade de Aveiro se refere à primeira personagem do distrito, do nosso tempo. E é com satisfação que Homem Cristo se dá conta e nos dá conta da consideração que lhe é votada pelos seus conterrâneos, citando casos como o da eleição que o levou a presidente da Junta Autónoma da Ria e Barra de Aveiro, aclamado pelo povo, vitorioso pela cidade inteira.

— A grande missão do povo português, de futuro — diz-nos — é a missão criadora dum vasto Império. Dentro desse plano, Aveiro deverá dispôr para as suas realizações, duma grande soma de dinheiro. Com dinheiro, com muito dinheiro, far-se-á de Aveiro uma cidade linda!

Não preguntamos a Homem Cristo qual seria a maior ambição da sua vida. Caso o fizéssemos, êle responderia como respondeu:

— Fazer de Aveiro uma grande cidade, como ela merece e há-de ser. Saneamento, calçamento de ruas, aformoseamento de prédios, tudo está por fazer.

E acrescenta:

— Eu que podia ter feito alguma coisa, fui obrigado pelos republicanos a viver no estrangeiro, exilado. Entretanto, um carpinteiro — note bem, um carpinteiro! — conseguia ser governador civil ou desempenhar qualquer outro cargo no distrito. Também só gostaria de ser governador civil, dispoendo de muito dinheiro para fazer da cidade o que ela merece ser!

E nós ficamos presos, por momentos, à sua paixão bairrista para lhe dizermos:

— Afinãl, o testemunho de simpatia que a cidade e o distrito mantêm por v. ex.ª, advem-lhe da luta que sempre tem mantido pelos interesses de Aveiro...

E a nossa conversa toma novo rumo. O grande jornalista recorda agora a sua intervenção no Parlamento da República. O seu discurso de defesa, na questão Leonardo Coimbra, e o que mais tarde lhe diria, com toda a justeza uma alta personalidade: «Sabe o que admira no seu discurso? É que não tenha havido protestos na Câmara, quando pronunciou a sua frase «Meus Senhores, uma única qualidade me faltou, porque todas as outras eu tive, para ser um grande homem:

foi ser ladrão!»

A falta de protesto, de um protesto espontâneo e colectivo, mostra-nos a ausência total de escrúpulos, no meio político da época. De facto, Homem Cristo comenta:

— E tudo se calou!

Na sua ideia baila, com certeza, toda a cena teatral e política desse momento em que uma Câmara inteira o escutava com extrema atenção, depois de alguns dos seus membros — antes do início do discurso — tentarem pela força expulsá-lo, êle que pela força e de revólver em punho respondera: «ao primeiro que der um passo em frente, queimo-o!»

Referindo-se ao advento da República e ao regime republicano, o autor tão discutido de «Monárquicos e Republicanos» diz-nos:

— Os republicanos nunca deviam ter ido para a implantação da República. Deviam ter colaborado na Monarquia. Foi isso que eu sempre disse no «Povo de Aveiro» e, precisamente, porque o nosso povo não estava preparado para receber a República. Era preciso prepará-lo, educá-lo e instruí-lo — isto é, promover primeiro um largo movimento de reforma da mentalidade pública, o que se impunha. E depois, sim, fazia-se a República. O regime constitucional devia ter continuado a governar-nos mesmo porque D. Carlos era um rei com todas as grandes qualidades de rei. — Quem perdeu D. Carlos foi o João Franco e eu disse-lho nas cartas que então escrevi. O coronel Alfredo de Albuquerque, que era íntimo da casa real, contou-me que o rei, ao chegar de Vila Viçosa, perguntou ao seu Presidente de Conselho: «Ouve lá, João Franco, há alguma novidade? É que se houvesse, eu não, mas a família ia escutada». João Franco, em resposta, informou o rei de que não havia nada, quando devia ter dito ao rei: — Não é só a família, é Vossa Magestade que vai escutada!

Uma pausa e Homem Cristo continua:

— O rei, que era valente, recalcitraria. Mas contou-me o Alfredo de Albuquerque que muito bem o conhecia, que bastaria o João Franco apresentar-lhe a demissão do Ministério, para êle deixar seguir a escolta. Mas o João Franco, não; deixou o rei seguir para o matadouro... E já agora quero dizer-

Os DENTES só nascem duas vezes

Defendei-os desde a infância com



PARGIL

(Produto medicinal)

PARGIL, duma fórmula complexa (que inclui uma cultura polimicrobiana da flora bucal, esterilizada por um processo que é uma inovação), é um energético microbicida que metódicamente extermina os germens patogénicos que pululam nas bocas, mesmo naquelas que se dizem limpas.

PARGIL não masoara falsamente o hábito nem se limita a evitar as doenças. Ataca o mal na origem, sendo esta a razão dos seus inigualáveis efeitos.

NAS FARMACIAS E DROGARIAS

— lhe: não existiam ao contrário do que se conta, «complots» para matar o rei. O único «complot» era o do Buiça e Costa. Eu era amigo da pessoa que hospedava em sua casa o Costa. E contou-me essa pessoa que êle nunca mostrara a ideia de matar o rei. Quem êles queriam matar era o João Franco. No caminho é que devem ter conversado na possibilidade de o João Franco não aparecer e, então, decidiram matar o rei. E acertaram. Porque se matavam o João Franco, o rei resol-

O grande jornalista conversando com o dr. Alfredo de Magalhães, antigo ministro da Instrução Pública





Homem Cristo lendo o seu discurso de agradecimento à homenagem que lhe foi prestada pela antiga Associação dos Jornalistas e Homens de Letras, do Pôrto

Homem Cristo continua a dispor da conversa:

— Meu filho Francisco veio aqui, um dia, para me dizer: meu pai vai dar uma nova orientação ao «Povo de Aveiro». Abandone essa posição de combativo e vamos fazer um jornal doutrinário. Respon-di-lhe:— Sabes, não vinga, mas vou tirar-te as ilusões. O povo do que gosta, para me servir da fraseologia popular, é de «porrada». Se o jornal a não der, não o comprem».

E o jornal saíu na feição doutrinária que meu filho pretendia. A primeira semana decresceu a tiragem, a segunda mais e a terceira mais ainda; um jornal de vinte mil exemplares — desceira a três mil.

— Agora vais ver o reverso da medalha — disse-lhe eu: na primeira semana «porrada», na segunda mais, e na terceira mais ainda.

E o jornal atingia a tiragem de 35 mil exemplares, voltando aos tempos áureos da monarquia e da propaganda republicana. E o meu filho voltou a Paris, em face dum lógica irrefutável...

Agora, os nossos olhos fixam-se num retrato de corpo inteiro dum perfeito «gentleman», dum verdadeiro embaixador de espírito — que em vida se chamou Homem Cristo Filho.

O pai tem um desabafo, a sua alma ainda sangra e nós não temos a coragem de acrescentar uma palavra a esta frase que contém em si o homenagem total dum jornalista e dum pai, cheio de saúde e de admiração pelo espírito de um dos mais altos espíritos da sua geração:

— O Francisco! Aquele rapaz foi uma pena!

E Homem Cristo fala-nos dos netos:

— O italiano fez carreira, é oficial da aviação italiana, esteve combatente em Espanha e casou com uma espanhola que me escreve amiguadas vezes, tratando-me por «avohelito». Agora há uns meses que ela me não escreve, mas ele não morreu, se não tinha-me ela escrito. Vou escrever-lhe até... Outro está no Brasil e é um aventureiro. Escreveu um livro sobre o pai e com o livro que lhe rendeu 18 contos, mandou-me dizer, comprou um laranjal. O Guy, que acompanhava o pai naquela hora de morte, quando Homem Cristo Filho seguia de automóvel a toda a

velocidade a caminho de Roma, onde ia conferenciar com Mussolini, sobre a organização do Congresso das Nações Latinas, ficando esmagado contra o volante do seu potente «Hupmobile», esse está em Paris.

A Inglaterra toma agora o seu lugar. Homem Cristo não contém a sua admiração por Wiston Churchill e exclama:

— Um grande estadista e não temos que admirar só o seu espírito de resistência mas também o seu talento de conduzir. É que foi ele quem preparou a entrada da América na guerra. Nós andámos muitos anos demasiado agarrados à cultura francesa. O certo, porém, é que a Inglaterra, no que diz respeito a processo educativo, possui uma obra espantosa e que deve ser aproveitada e seguida por nós, tanto mais que somos um povo ligado a esse país por uma aliança secular.

A França, é claro, não deixa de ocupar no seu coração e no seu espírito o lugar que sempre teve:

— Um povo admirável. O povo francês do nosso tempo é o povo francês de sempre. É o mesmo povo da Comuna de 70.

Interrogamo-lo sobre o futuro e logo é rápido:

— Ninguém sabe nada!

E o autor dessa obra maravilhosa de estudo e história de toda uma época que são «As Notas da Minha Vida e do Meu Tempo» confidencia-nos:

— Mas eu ainda estou aqui para o melhor das minhas campanhas.

Vamos despedir-nos. O gigante levanta-se. Enverga um «robe-chambre», que o aquece neste dealbar de Inverno. Mostra-nos, em cima da mesa, as mensagens que em 1938 ali lhe foram levadas pela cidade e concelho de Aveiro e pela Associação de Jornalistas e Homens de Letras do Pôrto, num movimento sincero e espontâneo de simpatia, de reconhecimento e admiração. ...Este homem, que todos julgam pouco sociável, é, afinal, afectuosíssimo!

— A minha Biblioteca fica lá em baixo, no rés-do-chão. Mas como lá está muito frio, a minha filha Carolina — Carolina Homem Cristo directora da revista feminina «Eva» — veio a Aveiro passar a última semana e transportou o meu gabinete de trabalho aqui para o primeiro andar. De facto, aqui está-se melhor — é mais aconchegado e mais quente.

Sairamos já da casa de Homem Cristo. José Esteves, glória da cidade de Aveiro, erguia-se agora, na nossa frente, no seu pedestal da Praça Pública.

Quedámo-nos um momento em face da figura tribunicia e não sei porque estranha analogia o orador e o jornalista, duas glórias da cidade de Aveiro, pareciam confundir-se na mesma jornada da História.

E o gigante, ainda vivo, pareceu-nos ainda maior...

PLÁCIDO BARBOSA

Vida MUNDIAL e ilustrada

JOSÉ CÂNDIDO GODINHO — Director; JOAQUIM PEDROSA MARTINS — Editor e Proprietário — Redacção e Administração: R. Garrett, 80, 2.º — Lisboa — Tel. 25844 — Composto e impresso nas Oficinas Gráficas Bertrand (Irmãos), Ltd. — Travessa da Condessa do Rio, 27 — Lisboa. DISTRIBUIDORES EXCLUSIVOS PARA PORTUGAL E COLÓNIAS: Agência Internacional, Rua de S. Nicolau, 119, 2.º — Telefone 2 6942. — VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA —

NOVOS PREÇOS DE ASSINATURA

CONTINENTE E ILHAS ADJACENTES		ESTRANGEIRO (com convenção)	
3 meses (13 números).....	13\$00	6 meses (26 números).....	40\$00
6 " (26 ").....	26\$00	12 " (52 ").....	80\$00
12 " (52 ").....	52\$00	ESTRANGEIRO (sem convenção)	
ÁFRICA PORTUGUESA		6 meses (26 números).....	47\$00
12 meses (52 números).....	68\$00	12 " (52 ").....	94\$00

Em 1929, fazendo parte da Comissão das Beiras, Homem Cristo visita o «Diário de Notícias», então dirigido por Eduardo Schwabach



via o problema e lá singrava em novo rumo, porque D. Carlos tinha todas as qualidades dum grande rei. E era valente. O rei era um pimpão! — diz Homem Cristo com ênfase.

Depois, pára um momento e a sua voz, fiel à memória que o não atraiça, vai desfiando rosários de lembranças:

— Implantada a República, denunciou logo o erro da Constituição de 1911: dava toda a força a quem obtivesse o poder pela maioria na Assembleia Legislativa. Afonso Costa obteve maioria parlamentar e o partido democrático ficou com o exclusivo do poder. O António José e o Camacho nunca puderam colaborar na obra governativa. E o Afonso Costa, que era esperto, nunca deveria alcandorar-se ao lugar de Messias do País, porque o Afonso Costa não tinha cultura para assumir tais responsabilidades. As incursões foram uma asneira e o Couceiro mesmo não tinha qualidades. Uma só ele tinha: era honesto. E, além disso, um bom oficial de artilharia. ...Veio o Sidónio e com ele a República Nova. Os republicanos diziam que só conheciam uma República. Por isso, não quiseram colaborar com ele, e o Sidónio era republicano! Os monárquicos nunca o acompanharam com sinceridade e acusaram-no sempre de ser republicano... Os homens, chefes de partido, que depois dirigiram os destinos da República eram todos uns mediocres. De todos eles um só tinha talento — era o Cunha Leal. E aí está porque surgiu o movimento militar de 28 de Maio... Era inevitável.

Agora é Junqueiro que ele nos evoca. No «Povo de Aveiro», o grande jornalista investira com o poeta. Afirmara o plágio duns versos. No calor da discussão, o polemista acusava-o de ter roubado os versos:

— Anos mais tarde — conta Homem Cristo — éramos já amigos e procuramos Guerra Junqueiro para abrir a lista das assinaturas da proposta para a minha reintegração no exército. Junqueiro negou-se a assinar, embora concordasse com a proposta e se dissesse meu amigo. Depois de muito instado, confessou: «Não assino, porque me chamou ladrão!».

O panfletário move-se, endireita-se na cadeira, toca ligeiramente com a mão a barretina de seda negra, e sente certo orgulho ao dizer-nos:

— Sabe o Junqueiro dizia de mim: «É um brutamontes com idéias».



EM CIMA — Náufragos de navios inimigos torpedeados no Mediterrâneo são recolhidos a bordo de um navio-hospital italiano. EM BAIXO — Um aspecto da ocupação da Corsega pelas tropas italianas.



7 dias de Cinema

Hot Fernando Fragoso



filme poderia chamar-se os «Amores de Lydia». Porque é a história romântica e emotiva duma mulher que, em quatro períodos da sua existência, amou ou foi amada, com

ternura e arrebatamento! Da primeira vez, fugiu de casa para se casar contra vontade da família. Supunha, então, que só ela tinha razão... Um episódio simples fez-lhe ver, a tempo, que o noivo não era o que julgava... E fugiu dele com a mesma desenvoltura com que se decidira abandonar tódas as razões afectivas que a prendiam à sua casa de solteira...

Esta desilusão trouxe-lhe um gosto amargo de viver... Consagrou-se à tarefa de minorar a sorte das crianças cegas...

Um músico invisual apaixonou-se por ela... Mas dura pouco tempo a calma deste segundo amor, feito de reconfortante amizade. Na sua vida, surge o terceiro homem! Desta vez, Lydia não tem dúvidas. Encontrou, por fim, a felicidade. Pretexa uma viagem e vai viver com ele numa ilha perdida no Oceano... Os dois constroem um paraíso sobre penhascos cobertos de neve e batidos pelas procelas da invernia... Na velha casa onde se acolhem, os corações aquecem nas labaredas do amor... Passam um mês delicioso, entregues à satisfação dos sentidos, vibrando no mesmo desejo e no mesmo anseio... E certa manhã de bruma, ele parte para não mais voltar... Lydia sofre o maior golpe da sua agitada existência de amorosa e sentimental. O tempo corre, e um amigo de infância propõe-lhe casamento. Nada quer saber do passado dela! Ama-a tal como é! Lydia acede. Já não é o amor que comanda os seus actos. Mas o calmo raciocínio duma mulher, cansada de sofrer, que busca um arrimo... O fantasma do «outro» persegue-a. E Lydia desfaz o casamento. Consagrará a sua vida a obras de caridade!

No ocaso da existência, a Mulher encontra-se com os três homens que a amaram! Falta apenas um — o que desapareceu da sua vida, depois dela lhe haver dado as suas horas mais apaixonadas e mais felizes. E quando surge, por fim, declara não a reconhecer... Lydia sente então a mais pungente de tódas as dores...

E verifica, nessa altura, que nenhum verdadeiramente a amou. O primeiro interessou-se apenas pela garota atrevida, que não hesitou em fugir de casa, para o acompanhar. O segundo, o músico cego, julgava-a loira, de olhos verdes — amou um mito, a imagem angélica que os seus olhos sem vida lhe permitiram apreender... O terceiro, a quem se deu, em tempestades de paixão, que rugiam como o vento que açoitava o ninho das «procelárias», era tão egoísta que viu nela, apenas, a satisfação dos seus instintos... Finalmente, o último, supunha-a uma

donzela, com uma vida sem mácula...

E Lydia não encontrou a felicidade, senão no bem-estar que proporcionou aos que dela careciam...

O tema, não resta dúvida, tem humanidade e beleza. É romântico e saudosista. Traz consigo o filtro evocador das pétalas de rosa que o tempo amareleceu, e que, embora secas, conservam ainda o perfume, o perfume do momento feliz que palpita na sua mudez. Lydia faz uma confissão completa da sua vida e das suas paixões. É o exame da consciência duma mulher que correu atrás do amor, e que quando o julgou ter na mão, nada lhe recusou, para depois o perder...

Lydia podia contar a sua história com lágrimas. Preferiu evocá-la com risonha bonhomia... As reflexões amargas são ainda seu segredo. Aceitou a vida, tal como ela é, e os factos, com se sucederam. Lydia não foi só uma amorosa, mas uma mulher corajosa, quando o amor a traiu...

Como Lydia, quantas outras conhecemos! Tódas elas, umas mais, outras menos, experimentaram as mesmas ansiedades e as mesmas desilusões. E é por isso — para me servir da frase com que fechei a minha resenha crítica no «Diário de Notícias» — que as mulheres vão gostar deste filme. Encontrarão, na história da heroína, um pouco da vida de cada uma delas...

«Lydia», é mais um filme «narrado»... A força de se repetir, esta fórmula perdeu a originalidade — e começa a cansar... Em poucas semanas assistimos, assim, à exibição de filmes, «contados» a espaços, ou «reconstituídos» através de episódios que não têm seqüência cronológica: a «Mulher da Cicatriz», «O Vale era verde» e, agora, a película de Duvivier.

Entendo que um filme é tanto melhor quanto maior for a sua simplicidade de processos. A história que se apreende com facilidade, contada directamente ao público, com a sucessão dos factos pela ordem que se verificaram — é a fórmula ideal do espectáculo cinematográfico. O espectador não tem que fazer um esforço de memória, ou pôr em acção a sua inteligência deductiva, para ligar episódios, reconhecer personagens ou concatenar factos.

Os filmes como «A Mulher da Cicatriz» ou «Lydia» exigem uma atenção maior — e embora no primeiro se tratasse dum julgamento, e os depoimentos estivessem justificados pela natureza especial do argumento, ao longo duma acção julgada num tribunal — são sempre irritantes as soluções de continuidade. No caso de «Lydia», o contraste é mais flagrante ainda, porque saltamos, repetidas vezes, da

moçidade para a velhice, do romantismo dos bailes com saias de balão para as retiniões «up-to-date», nos «roofs» dos arranha-céus nova-yorkinos...

Sob este aspecto, preferimos a fórmula de «A vida de Edison» ou de «Adeus, Mr. Chips»... O protagonista, evoca o seu passado — e a história decorre, naturalmente e sem complicações, até chegarmos ao ponto de partida. Mas os filmes são o que são — e não nos compete pronunciar sobre outra coisa que não seja o resultado da sua projecção, na tela...

* * *

Duvivier, o cineasta francês do «Carnet de Bal» e de «Pépé-le-Moko», que realizou, em Hollywood, «A Grande Valsa» — teve a preocupação de «fazer diferente». Por vezes, exagerou esse anseio de inovar, com complicações excessivas. Há deslocções de câmara que nos parecem ora desnorteantes, ora inúteis, e certos enquadramentos que já passaram de moda! Mas a par disso, quantas coisas belas nos soube dar! A valsa ao retardador e a maneira habilíssima como filmou o concerto de piano, redimem, só por si, outros pretenciosismos. Alexandre Korda, um dos melhores produtores

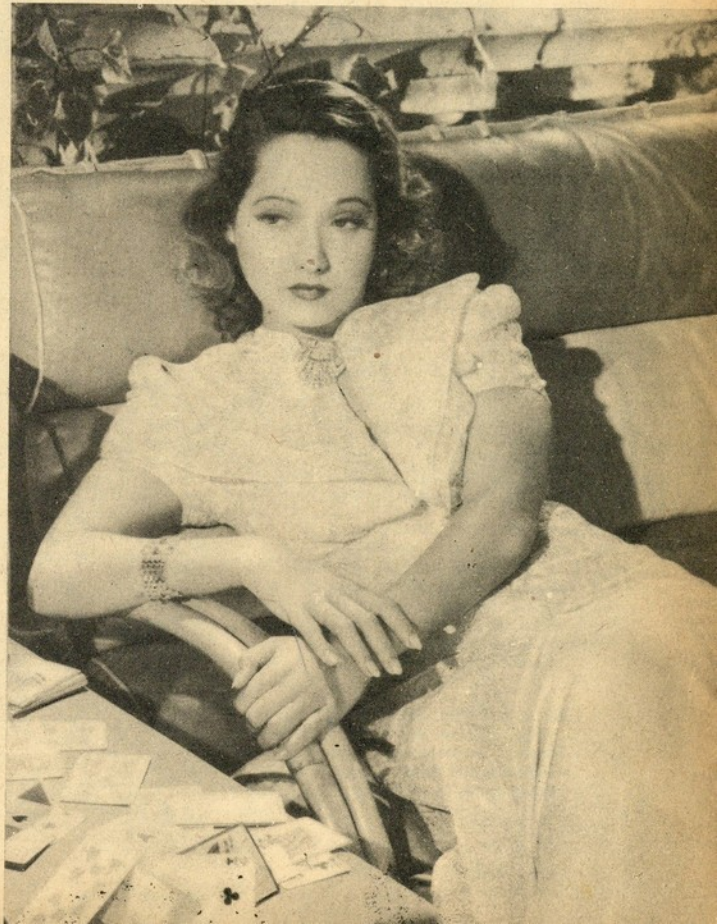
de todos os tempos, tem uma cota parte magnífica no êxito do filme, no cuidado pôsto na encenação. Tratava-se duma película que tem como protagonista sua mulher, Merle Oberon, e esse facto parece sentir-se ao longo do seu labor.

Edna May Oliver, a malograda artista que morreu recentemente, dá-nos um dos seus melhores papéis. E Hans Jaray, Allan Marshall, Georges Reeves e Joseph Cotten são os homens que voltam em torno de Lydia, como borboletas à roda duma luz...

«Lydia» é, em conjunto — a despeito de certos cabotinismos e até do tom, por vezes mais literário do que cinematográfico, de alguns elementos do espectáculo — um filme que recomendamos aos nossos leitores, e que atesta, uma vez mais, a «classe» de Julien Duvivier, realizador de mérito incontestável.

E se há momentos menos «réusis», aceitamo-los tais como são, recordando a frase que o cineasta de «Pépé-le-Moko» nos disse em Lisboa, para os justificar:

— As coisas nem sempre «saem» como nós queremos — confissão que na boca dum homem, como Duvivier, vale pela enumeração dos factores do complexo cinematográfico, que não é possível dominar...

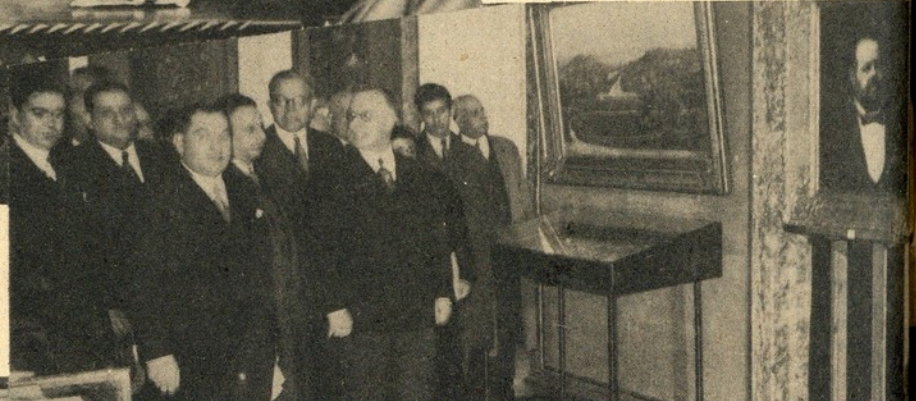


Recorda-se a figura de ROSA ARAÚJO



A Associação Comercial de Lisboa coube a iniciativa do desceramento dum lápide na casa em que Rosa Araujo nasceu. Nessa cerimónia, a que presidiu o sr. engenheiro Sá e Melo, representante da C. M. L., usou da palavra o sr. Joaquim Roque da Fonseca, em nome daquele optimismo. Na lápide lê-se: «Nesta casa nasceu a 26 de Novembro de 1840 o comerciante José Gregório

da Rosa Araujo, insigne presidente da Câmara Municipal de Lisboa, a quem a cidade ficou devendo a abertura da Avenida da Liberdade, a criação dos asilos e das creches municipais e outros importantes melhoramentos — Homenagem da Associação Comercial de Lisboa, ao seu ilustre director de 1870 a 1881 no 50.º aniversário da sua morte — 26 de Janeiro de 1943.



No Museu Municipal do Palácio Galveias, inaugurou-se uma Exposição, onde se pode avaliar do que foi a obra de Rosa Araujo como vereador da Câmara. Ao acto inaugural assistiram, além do sr. engenheiro Rodrigues de Carvalho, presidente do Município, e de todos os vereadores e chefes d'eserviço da C. M. L., os srs. general Vicente de Freitas, almirante Sousa Dias, coronel Pires Monteiro, general Teixeira Botelho, coronel Lopes Galvão, major Carlos Afonso dos Santos, Alvaro de Lacerda, Joaquim Roque da Fonseca, Sebastião Silva e muitas outras individualidades. Na sessão solene que se seguiu, proferiu uma conferência o sr. dr. Silva Pinto, onde afirmou que a Rosa Araujo deve a cidade de Lisboa a sua profunda transformação, no último quartel do século XIX.

Na Associação dos Arqueólogos, o ilustre escritor e nosso querido camarada de trabalho, sr. dr. Luis de Oliveira Guimarães, pronunciou uma interessantíssima conferência, acerca da figura e da obra de Rosa Araujo, que o distinto artista Zeca ilustrou com humorismo e valor.

Na Associação Comercial de Lisboa, o seu presidente, sr. Joaquim Roque da Fonseca, realizou uma conferência subordinada ao tema: «Rosa Araujo» — o comerciante, o filântropo e o edil.



INTERESSANTES CENAS DA GRANDIOSA PRODUÇÃO RKO RÁDIO
"O 4.º MANDAMENTO"
DA QUAL É PRODUTOR E REALIZADOR O GENIAL **ORSON WELLES**

Baseada na obra-prima da literatura que obteve o
prémio Pulitzer "The Magnificent Ambersons" de
BOOT TARKINGTON

Os seus principais intérpretes são
JOSEPH COTTEN — DOLORES COSTELLO —
ANNE BAXTER — TIM HOLT



Orson Welles, um dos maiores génios da cinematografia americana



A partir de 2.ª feira no
TIVOLI

ARTISTA PORTUGUESA POR UM TRIZ...

Natália Viana

fala-nos de si, da sua arte e da Bélgica

NATÁLIA Viana, diante do espelho do seu tocador, no camarim, dá os últimos retoques à «maquillage» com que vai apresentar-se no seu número de canto... É uma pequena muito simples, muito modesta, destas que, se a pusermos sentadinhas num banco ao canto da sala, ali fica calada e quietinha. Mas é muito gentil e simpática e como lhe faltam às vezes os termos para se expressar em português, completa as frases com um bater de pálpebras desesperado — como se fossem duas asas de borboleta, prisioneiras numa gaiola de ouro: a prisão do que não se sabe...

Esta pequena — uns vinte anos em flor — apareceu no nosso teatro ligeiro, vinda não se sabia de onde. Mas tinha uma voz tão linda e educada e uma presença tão gentil, que logo o público perguntou: «Quem é Natália Viana?»

E quando lhe disseram que viera da Bélgica, onde se preparou para a arte de bem cantar — logo o público quis saber mais dessa pequena que vinha inesperadamente preencher o lugar que essa outra insinuante artista — Félita Correia — deixara vazio, primeiro com a sua doença, depois com a sua morte...

PORTUGUESA POR UM TRIZ

— Nasci no Porto por um triz.

Foi uma precipitação... Minha mãe estava de passagem em Portugal, pois meus pais, que são portugueses, residiam no Congo Belga. Com dez meses, fui para África, onde me conservei até aos três ou quatro anos, vindo residir depois para Lisboa, até aos 8. Levaram-me, então, para Bruxelas, onde fiquei internada num colégio de religiosas...

E Natália Viana sorri:

— Sabe, ao princípio, eu que tanto gostava de desenho e de pintura, cheguei a impressionar a minha família, que julgava que eu daria uma boa figurinista...

— Afinal...

— A sorte estava talhada. Toda a gente dizia que eu tinha muito boa voz e como sabia música, meus pais deixaram-me preparar para a carreira lírica... Quando completei a minha educação, minha mãe pensou em meter-me no Conservatório de Bruxelas. Mas não gostámos dos métodos de ensino... Resolvemos, então, que a minha professora fôsse a grande cantora Lucette Korsoff... Com certeza que é conhecida dos portugueses... Não chegou a cantar em Portugal, por causa da revolução do 5 de Outubro. Estava contratada para cantar em S. Carlos... Ela, de resto, é conhecida em todo o grande mundo culto das Américas e da Europa... E olhe que foi outra vez a desavença entre os homens que a não deixou vir agora comigo. É uma russa branca — cantou na Rússia dos tsars, com seu pai! — e, precisamente, por

causa da sua situação política, não pôde fugir àquêle inferno da guerra...

O CONTRATEMPO DA GUERRA

— Por que veio, Natália Viana?

— Porque queria comer... Na Bélgica passa-se fome, muita fome... Fazia tenção, depois de uma estadia em Portugal, de seguir para Itália, onde queria passar o meu repertório em italiano, para me aperfeiçoar. É claro que eu fiz o repertório em francês... Já estava contratada para o Theatre de la Monnaie, mas veio o contratempo da guerra e, então, já não pude cantar.

— Fecharam os teatros...

— Isso sim! Estão sempre repletos! Parece que o povo belga quer esquecer os seus tormentos, ouvindo do melhor teatro e da melhor música... Não cantei, por motivos particulares: não me era conveniente cantar sob a administração alemã, compreende... Depois, o regime de contratos modificou-se um pouco e eu desisti. Estava também contratada para cantar em Lyon e o meu nome fôra indicado para uma temporada em Londres...

— E, agora?

— Agora? Olhe, estou aqui... Vim para comer e foi o acaso que me trouxe para o Avenida, pela mão de Luís Pizarra, que me apresentou a Rosa Mateus. Foi este quem removeu todas as dificulda-

des para a minha estreia na inspecção dos Espectáculos está um montão de papelada incluindo diplomatas...

— Talvez fique em Portugal...

— Não posso. Logo que termine a guerra, sigo para Itália... o meu destino chama-me... Portugal não me oferece, infelizmente qualquer vantagem... Dizem-me que Lisboa tem um lindo Teatro de S. Carlos... mas S. Carlos não tem ópera...

— E Bruxelas?

— Bruxelas tem ópera todas as noites. E aos domingos e feriados há sempre «matinéas». Não calcula o que é o velho teatro da ópera, em Bruxelas, com o seu corpo de baile formidável e a permanência constante de artistas líricos de todo o mundo... Basta que lhe diga que nos coros há primeiros prémios do Conservatório, porque lá exige-se uma extraordinária preparação artística...

A graciosa artista, que se faz sempre acompanhar de sua mãe e que se encontra em Lisboa com um irmão, diz-me, depois, que as bailarinas são sujeitas lá, a uma hora de exercícios de barra, antes de irem para os ensaios e que todas elas, artistas notáveis ou anónimas, se sujeitam a regimes especiais de alimentação e exercícios físicos:

— O «sky», a natação, o remo, e, principalmente o «floating» são indispensáveis a uma artista que deseja manter a sua linha.

Faço-lhe notar que as nossas artistas progredem, principalmente, na gordura e Natália Viana comenta:

— Em Portugal come-se bem e do melhor, não admira... Na Bélgica, pode crer, uma artista quasi que se alimenta de saladas, «filé americano», que é a carne crua picada. Além disso, todas elas sabem, as que cantam, que não devem comer alimentos picantes, nem ácidos, nem gelados...

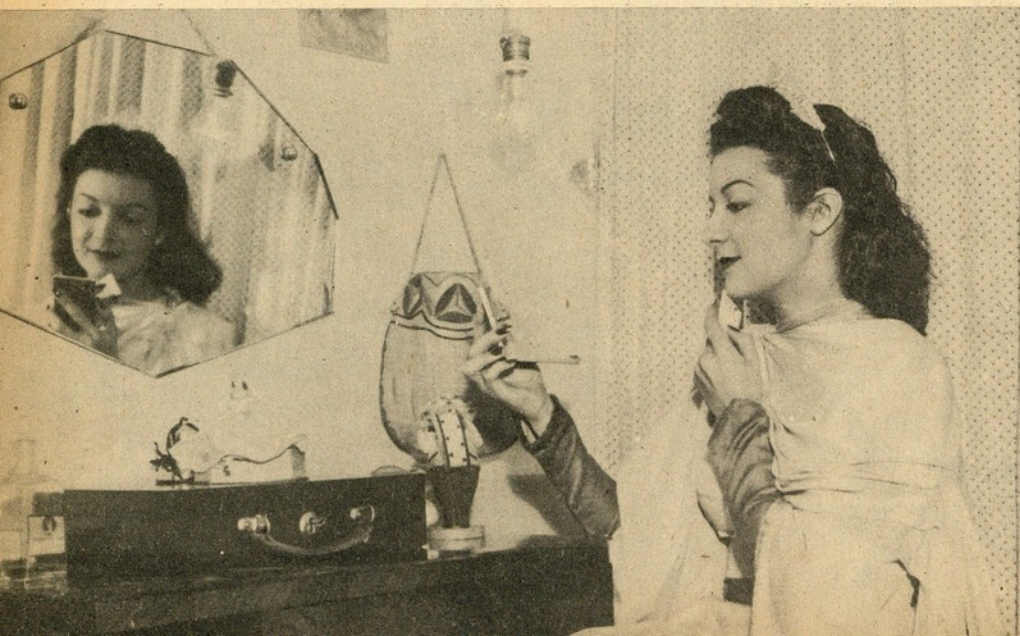
— E o nível cultural das artistas belgas?

— É claro que nem todas frequentam colégios de freiras... Mas para se entrar para o Teatro é necessário passar pelo Conservatório e para entrar para o Conservatório é preciso prestar provas que equivalem, segundo penso, ao exame de admissão ao liceu, em Portugal.

— Mas como é possível colocar tantos alunos?

— Há uma infinidade de teatros na Bélgica e nem todos os alunos aspiram a ser primeiros figuras. Os primeiros lugares alcançam-se depois, pela vontade, pelo talento e pela sorte, é claro...

— Vai começar o 2.º acto



**UM CONTRATEMPO INESPERADO
E UM PRODUTO PORTUGUÊS**

— Diz-se que também é bailarina...

— Pois sou. Ainda nesta peça devia apresentar um bailado clássico, de certo interesse, mas surgiu um contratempo inesperado: eu não tinha trazido sapatos para dançar em pontas e em Lisboa não se encontraram... Na véspera do espectáculo, ainda me trouxeram uns sapatinhos mas eram tão pequeninos que me não cabiam nos pés. De maneira que foi preciso cortar o meu número que ficou muito reduzido...

— Gosta de trabalhar em Lisboa?

— Gosto. Os artistas e todos aqueles com quem lido aqui dentro são muito amáveis, não calcula... Tratam-me como hóspede de honra...

— E como acha o nível do nosso teatro?

— Sei muito pouco, não tenho tempo de ver nada, por causa dos ensaios... Mas gostei muito de ver Palmira Bastos ao lado de Alves da Cunha, dois artistas que me pareceram de grande categoria... Também lhe quero dizer que houve uma coisa que me chamou aqui a atenção: os espectáculos por sessões! Creio que em nenhuma parte do mundo há teatro em duas sessões: é um produto português!

— Quais são as óperas que mais gosta de cantar?

— «Sonâmbula» e «Manon». Mas, principalmente a «Manon». E tem graça, sabe? A minha professora, que, como eu, é soprano ligeiro, também adora a mesma ópera!

E, com muita ternura:

— Coitada, de Mademoiselle Lucette, que será feito dela... Era tão minha amiga que costumava dizer: já estou velha para «fazer» uma segunda artista como tu, Natália... Falta-me «le feu sacré»...

IMAGENS TRISTES DA GUERRA

— Sente em perigo a sua amiga?

— Como não há-de estar em perigo? Em perigo dobrado, porque falta a comida e abundam os sobressaltos... Em minha casa, meio quilo de ossos chegaram a servir para fazer seis vezes sopa... Seis horas de fila «rendiam» um osso de tamanho da minha mão... As maiores dificuldades, porém, são



— Agora? Olhe, estou aqui...

para a chamada classe média. Os que têm dinheiro conseguem tudo no mercado negro e os pobres têm o «Socorro de Inverno» e não lhes falta nada...

— Estava, pois, em Bruxelas, quando se deu a ocupação alemã?

— Estava. Mas tudo se passou com tão grande «normalidade» que nem houve sangue...

— E o povo?

— Calmo e digno. Quando a Alemanha atacou a Rússia é que se registaram manifestações. Até hoje, como se vê nos jornais... Em Bruxelas, as únicas vítimas registadas foram motivadas pelo próprio serviço da D. C. A. que atacava os alemães a grande altura e feria os belgas na rua. A apanhação e inexperiência... É claro, depois que a Inglaterra passou à ofensiva, Bruxelas já foi bombardeada algumas vezes. Passei muitas horas aflita nas caves e abrigos e vi cair um prédio perto da minha casa...

— E os ocupantes?

— De uma enorme cortesia. Na rua, dão sempre passagem a um

belga... Devo dizer-lhe, de resto, que Bruxelas apresenta um ar de animação como antigamente. Os alemães obrigaram todos os cafés e casas de chá a manter orquestras, porque a rádio, tão difundida, não tira na Bélgica o lugar às boas orquestras... Os teatros, como disse, estão sempre cheios, porque hoje há muito quem faça lá boas fortunas... É claro que também há quem as perca, mas os oportunistas abundam... De uma maneira geral, aqueles que se aquietaram pouco perderam com a ocupação, tanto mais que os ocupantes, com os «Socorros de Inverno», fazem o mais que podem ao povo. Os alemães, porém, acabaram só com certas casas duvidosas e com as casas de baile. Acabou a dança na Bélgica.

VIDA NOVA...

— Tenciono continuar a representar na nossa terra?

— Tenciono, enquanto aqui estiver. Já estou a ensaiar novos números para a próxima revista, de-

vo ir com a companhia à minha terra — ao Porto... E tenho um grande desejo: conhecer, na origem, o folclore português que me dizem ser rico e lindo... Mas não sei ainda como hei-de conhecer essas músicas que andam quasi sempre tão arredadas do teatro.

É, numa última confidência: — Antes de me ir embora, hei-de, dar um concerto em S. Carlos, para mostrar aos meus patriotas o género de música que aprecio e cultivo...

Natália Viana, que se exibiu em muitos concertos, em grandes festivais de arte e que não conquistou a glória porque não começou a sua carreira artística, levanta-se de repente. Alguém dera três pancadinhas na porta e avisara:

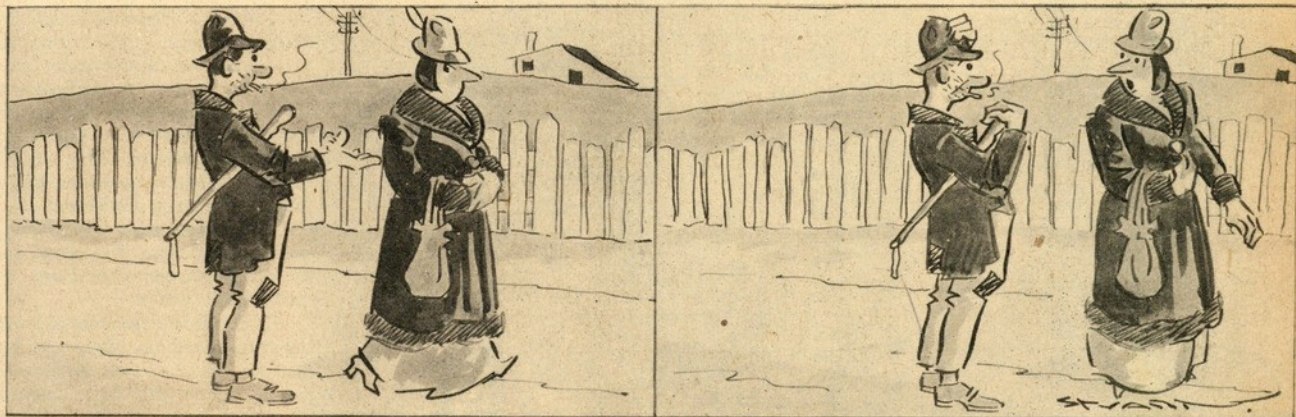
— Vai começar o 2.º acto...

Palavra, que tive pena que a entrevista — entrevista, não, uma conversa animada de hora e meia — fosse assim interrompida. Mas era preciso. Natália Viana pôs o seu turbante e agradeceu:

— O melhor digo-lho para a outra vez...

O ÚLTIMO RECURSO...

Por Stuart de Carvalhais

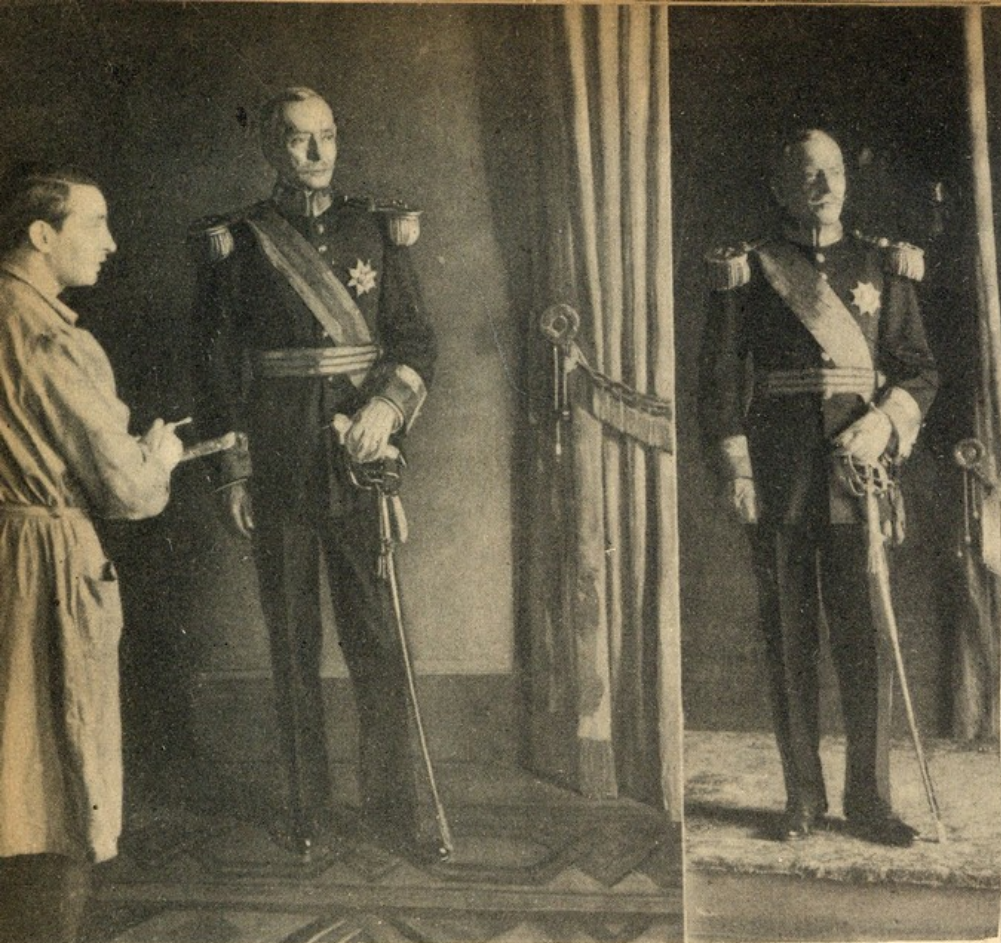


— Dê-me uma esmola, minha santa senhora.
— Tenha paciência — mas não tenho tróco...

— Tem que ser. É hoje. Não tenho outro recurso!
— Que vai fazer, homenzinho? Vai-se matar?
— Não, minha senhora. Vou procurar trabalho. Isto de pedir — já não dá nada...

PINTURA E FOTOGRAFIA

POR EDUARDO MALTA



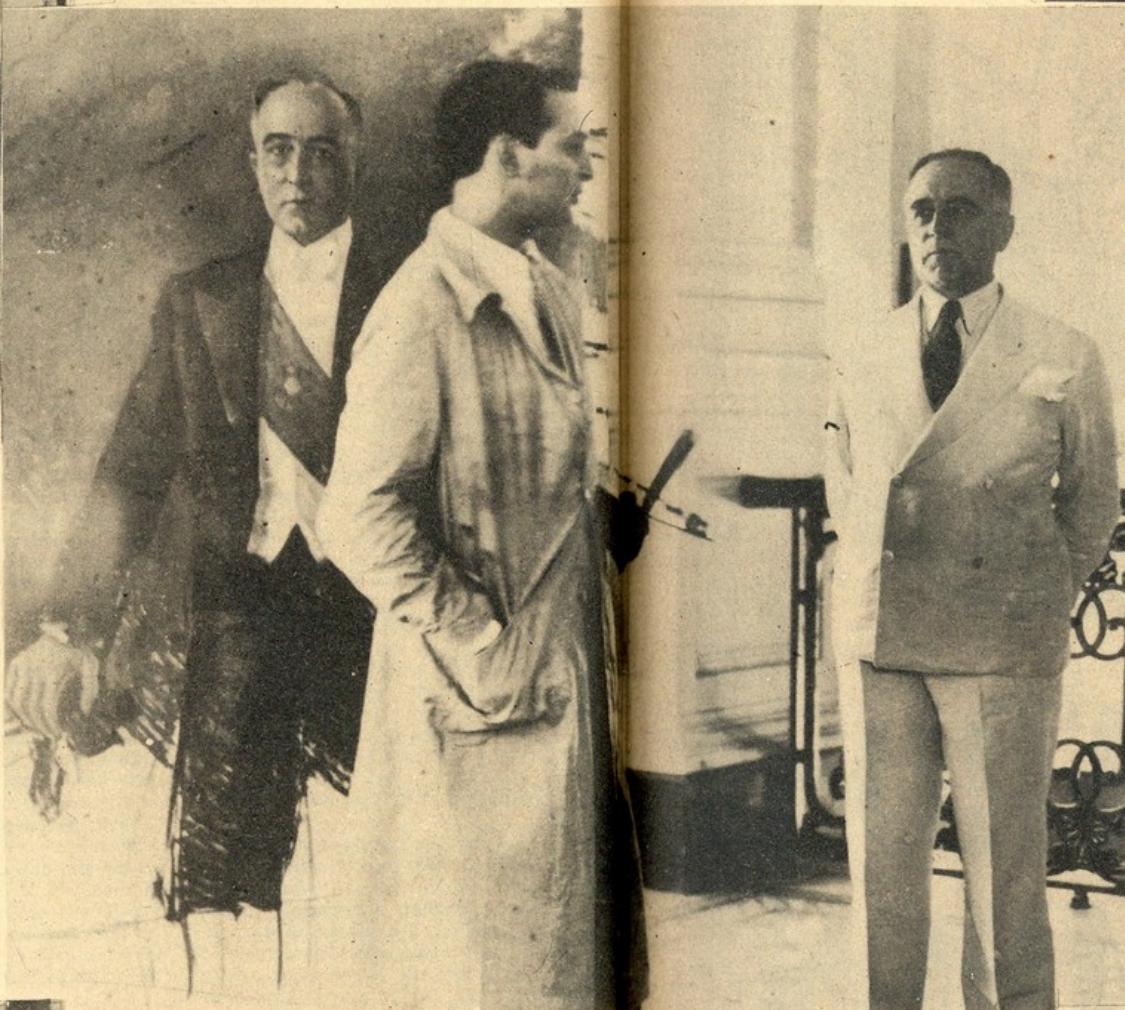
O Sr. Presidente da República «posa» para Eduardo Malta

CHA que a fotografia veio prejudicar ou ajudar, de alguma maneira, as belas-artistas?

— A fotografia apenas as tem ajudado como irradiação, como «reclame»... Antes do seu aparecimento, era difícil a reprodução das obras de arte. Hoje, conhecemos o mundo artístico por revistas, livros, etc., embora quasi sempre a cópia mecânica fica a grande distância da verdade. A obra prima difere das obras mediocres muito pouco. Mas é precisamente nessa pequenina diferença, tão infinita como minúscula, que reside todo o poder criador do artista.

— Mas, para olhos que não sabem ver, essas distâncias existirão?

— Infelizmente, não. As pessoas de grande acuidade visual são raríssimas. E, assim, a fotografia satisfaz a maior parte da gente, o que é um mal, pois a mecânica normaliza tudo, devastando arestas e diluindo profundidades... Os defeitos, assim como as qualidades, são abrandados pela reprodução fotográfica... Uma má pintura fica menos má; um bom quadro aparece menos bom. Há no Museu do Prado um extraordinário retrato do Cardinal Scarnamucia Trivulzio, feito por Rafael, que irradia finíssima beleza. E, con-



O Presidente do Brasil, dr. Getúlio Vargas, «posando» para o pintor

tudo, essa obra prima de todos os tempos não fica bem nas reproduções... Perde toda a qualidade: a frescura da tinta, a boa modelação do rosto pálido, a macieza esmaltada da matéria, o tempo colorido, a expressão afilada do modelo. Outros quadros há, de muito menor merecimento, que só têm a ganhar, quando são reproduzidos...

— Haverá pessoas inteligentes e as incapazes de compreender a grande distinção entre a fotografia e a arte de arte plástica?

— Conheço muita gente talentosa que gosta mais, embora nem sempre o diga, de uma «fotografia-artística» do que de um desenho exacto, penetrante, sintético e gracioso de Holbein... Há muitíssimos escritores, músicos, dessas «pessoas-bem», que possuem um larguíssimo mau gosto estético... Mas compreende-se: por mais elástico que um talento seja, não poderá abranger facilmente todas as culturas, ao Deus-dará, muitos Leonardo da Vinci... Quando a inteligência e a mentalidade é dirigida com força para certos ângulos, os demais ângulos diluem-se naturalmente... Em frente das telas de Velasquez, no Prado, um velho diplomata meu amigo, certo dia, disse admiravelmente: — Estes quadros, sim, até parecem fotografias!

«E, contudo, nem mesmo na exactidão das formas a fotografia poderá igualar-se aos bons retratos pintados ou esenhados. A vista, depois de bem educada — quando já sentimos que é um janelo do nosso espírito sobre as coisas — apreende meios-movimentos, ênsas e momentâneos, de expressão, que a máquina fotográfica jamais conseguirá gravar. Sorrisos apenas esboçados, pequenas contrações faciais marcando o início de um pensamento, são, apesar de ténues, o principal quasi sempre, de toda a expressão num verdadeiro retrato. A máquina não captará tão requintadas e longínquas cambiantes...

«A parecença existe precisamente acentuação, na maior parte das vezes, dessa recôndita expressão desce... E a fotografia apenas grava



A Princesa Elisabeth Orléans e Bragança «posa» para o artista português

as expressões finais, paradas, e não as intermediárias, as mais iluminantes. Na fotografia são igualadas, automaticamente, as pessoas; na boa pintura de retratos são diferenciadas, exagerando-se-lhes para isso o carácter. A máquina não acentuará nunca, por mais cuidada que seja a iluminação, certos traços ou volumes do modelo, porque reproduz tudo ao mesmo tempo e com igual intensidade. E além disto há também outra razão... E o tempo, como Afrânio Peixoto elucida nesta frase precisa, que lhe ouvi: «A fotografia reproduz somente um instante do modelo, enquanto que um retrato pintado pode reproduzir dias ou anos...»

«Reparemos nestas fotografias: Representam retratos pintados por mim e os modelos. Como se vê, não existe grande semelhança entre os retratados e os retratos... Contudo, as imagens pintadas aproximam-se muito mais da verdade, do que as outras imagens só fotografadas. E, aqui, ainda, a fotografia me falseia um pouco...»

«Certa pessoa que vista ou falada nos aparece indiscutivelmente elegante e cheia de encantos, pode ficar desajeitada, insignificante, na fotografia mais cuidada. Um ser humano pode ser defeituoso e feio de forma e, contudo, o espírito dessa mesma forma pode ser elevado e belo... E, aí é que está: esse eixo de expressão compete ao artista descobri-lo...»



Vasco Lima, director do jornal «A Noite», do Rio de Janeiro, «posando»



Mestre Sousa Lopes «posando» em frente do seu «fresco» intitulado «Moliceiros»



OUTROS TEMPOS

Portugal tem hoje esplêndidas estradas bem sinalizadas. Mas houve tempo em que eram tão más que, de Lisboa ao Pôrto, mesmo de automóvel, se não ia em menos de dois dias.

No entanto, não existiam duas léguas de estrada no país onde a Vacuum não houvesse já então colocado, pelo menos, uma placa de sinalização destinada a evitar um perigo ou engano de itinerário.

Hoje existe a perfeita sinalização da Junta Autónoma das Estradas, e as velhas placas em que a Vacuum gastou mais de dois milhões de escudos, passaram à história.

Tudo passa, tudo esquece — e o mesmo há-de acontecer com a escassez presente. Nessa altura voltará a Vacuum a poder satisfazer completamente todos os seus fregueses com os melhores lubrificantes e combustíveis do mundo.

SOCONY-VACUUM

CALCADA DA GLÓRIA

A MANEIRA... DE AUGUSTO SANTA RITA

Nesta Lisboa catita
De céu azul, cristalino,
Eu Augusto Santa Rita,
Poeta sempre menino,
Certo dia, debruçado,
A janela sobre o mundo,
De monóculo assestado
Para a Vida, em cujo fundo
Se debatem mil comédias,
Mil pantominas e farsas
— Quantos dramas e tragédias! —
Reparei que os meus comparsas
Eram bonecos humanos
Que a mão do Destino agita,
Envolto em trapos, panos
Veludo, sedas ou chita,
Pele, peliças, regalos,
Com anéis, brincos e broches,
E dicidi retratá-los
Num teatro de fantoches!
Puz mãos à obra infantil
E dei-lhe alcunha bonita:
«Teatro de Mestre Gil
Augusto de Santa Rita!»

SÃO CARLOS

NO teatro de São Carlos, é praxe obrigatória o traje de rigor. Na primeira noite do *Verde-Gaio* um porteiro fardado prevenia gentilmente as pessoas que entravam abafadas nos seus casacos e nas suas capas de borracha:
— Se não traz lacinio, não pode entrar...

GRAÇA

O bailarino Francis passou a assinar Francis Graça. Com propriedade se poderá dizer:
— Dantes o Francis não tinha graça; agora já tem...

NA ACADEMIA

VIMOS, há dias, uma fotografia em que se surpreendem, reünidos em sessão, alguns sócios da Academia das Ciências. Entre eles está o nosso querido amigo D. Alberto Bramão, sentado num «fauteuil», de perna cruzada, e com a calça, de tal maneira arregaçada, que se lhe vê um palmo de perna. Aqui fica o aviso para as suas muitas admiradoras.

PALÁCIO DO QUINTELA

DIZEM-NOS que o Palácio que pertenceu a «Monteiro dos Milhões» foi agora alugado — por 14 contos mensais. É caso para perguntar: não era preferível comprar o prédio?

A MARCA DO RELÓGIO

QUE marca é o teu relógio? — perguntaram, uma vez, ao jornalista Afonso de Bragança.
— Ancora — respondeu.
— Ancora?
— Sim. Ancora de salvação... nos momentos de apuro!

O VASQUINHO



Tôda ufama
Grita a cama
Dum foguete
Acabado de estalar:
— «Olhem o Vasco Santana,
Parece um balão no ar...»

Todo inchado
Arredondado
Lá vai êle a passear
Lindo homem, sim senhor,
Para trazer num andor,
Com dez mil a segurar.

— «Ele vai cheio de vento...»
Gritam almas espavoridas
Não é vento: é talento
Quinze arrobas bem medidas.

Vai alegre, vai contente,
Piscando o olho p'ra gente,
Um amor, êste Vasquinho...
Quem me dera a mim, Luís,
Trazer ao peito, feliz,
Esta flor de toucinho!

«EM CASA DO DIABO»

EDUARDO Scarlatti publicou agora um curioso volume em que reuniu algumas das suas notas de crítico teatral. Vale a pena lê-lo pela soma de verdades que contém. O título é que pode suscitar reparos. Ainda ontem, de frente da «Clássica Editora», uma velha exclamava:
— Em Casa do Diabol Figas, cahoto...

O BIGODE DE MÁRIO PIRES

ESTE risonho Mário Pires, jornalista convertido em empresário teatral, usava, desde que nasceu, cara rapada. Resolveu, agora, deixar crescer o bigode. E, por enquanto, apenas um buço ingénuo, mas, segundo nos diz o seu autor, em breve será um monumento capilar. É o que se chama dar um bigode aos outros empresários — que usam cara rapada!

MONUMENTOS

MUITO se tem falado agora em Rosa Araújo. O que ninguém disse é que o pedestal do monumento que lhe levantaram, se destinava ao busto de João Chagas... Não há dúvida que o destino de certas estátuas é como o de certos homens!

CARLOS SELVAGEM

O monóculo de Carlos Selvagem, depois de ter escrito a *Encruzilhada*, está escrevendo a *Cruz dos Quatro Caminhos*. Escusado será dizer que, qualquer dêles, vai dar ao Teatro D. Maria.

NOMES

O editor António Maria Pereira dizia-me há pouco, mostrando-me algumas estantes da sua livraria:

— Aqui está a camiliana... Aqui está a queiroziana... Aqui está a camoneana...

E, depois, apontando com o dedo alguns quilómetros de livros, exclamou:

— Aqui está a Joaquinaçodarcosiana...

TRANSACÇÕES

ACABA de vender alguns prédios em Lisboa, para comprar uns sapatos novos, o nosso amigo comendador João Maria Ferreira.

La noblesse oblige!

AS DÍVIDAS

As dívidas possuem esta estranha propriedade: quanto mais se contraem — mais aumentam.

EXAME DE MEDICINA

O professor Serrano, catedrático de medicina, perguntava, uma vez, em pleno exame, a um aluno:

— Que conclusões tira o senhor quando comprime fortemente o estômago dilatado dum doente?

— Tiro uma única conclusão: a de que o doente tem o estômago dilatado... — respondeu o examinando.

CARESTIA

UM marido, funcionário, exclamava ontem para sua mulher:

— Beija-me, morde-me, finca-me as unhas na pele, enforca-me, mata-me — mas não me peças mais dinheiro para as despesas da casa...



EDUARDO SCHWABACH

Distinto homem de teatro, que acaba de ser eleito sócio efectivo da Academia de Ciências de Lisboa, homenagem justíssima ao seu alto espírito.



ALBERTO TOTA

Conhecido elemento do nosso meio comercial, tem sido um dos grandes amigos e propagandistas da região de Colares. A população de Azenhas do Mar, reconhecendo os seus serviços, prestou-lhe agora uma significativa homenagem.



DR. NUNES DOS SANTOS

Novo professor catedrático da Escola Superior Colonial, para cujo doutoramento acaba de prestar brilhantes provas.



DR. MANUEL DE CAMPOS PEREIRA

Escritor dos de maior relevo entre os da sua geração, depois do seu romance «Gêmeas», vem de publicar outro, intitulado «Corpo e Alma», destinado, certamente, a igual êxito.

AQUI entre NÓS



DR. CELESTINO DA COSTA

Professor ilustre, foi escolhido, com grande critério de justiça que constitue também uma homenagem aos seus altos méritos, para presidente da direcção dos «Amigos de Lisboa».



DR. ABRANCHES PINTO

Distinto médico e escritor, a quem foi conferido o «Prémio Moçambique», do concurso de colaboração da «Revista Militar», pelo seu notável trabalho «Higiene do soldado metropolitano em campanha na colónia de Moçambique».



ALBERTO DE SERPA

Um dos vanguardistas da nova poesia portuguesa, publicou agora um livro de versos, «Fonte», que a critica tem recebido com elogiosas referências



FERNANDO FRAGOSO

Nosso brilhante colaborador e autor do livro «Hollywood em Lisboa», edição de «Vida Mundial», foi convidado para fazer uma edição espanhola dessa obra, um dos melhores volumes sobre cinema que até hoje têm sido publicados em Portugal.

TRABALHAR PARA VIVER

A Academia deu-nos na última semana um arzinho da sua graça, animando de duas boas novidades o nosso mundo literário: a eleição de Eduardo Schwabach para sócio efectivo — era sócio correspondente há 49 anos — e a atribuição do «Prémio Ricardo Malheiro» ao livro «Calcanhar do mundo», assinado por Vergílio Godinho. A homenagem a Mestre Schwabach coroa uma carreira inteiramente consagrada à profissão das letras e, se é certo que nem toda a obra do autor de «A Bisbilhoteira» é de um mérito incondicional, temos que reconhecer que também Camilo escreveu muita coisa que não levava ninguém à Academia... O que há, realmente, a apontar é a exuberância, a quantidade, a facilidade, que se revelam numa bibliografia quasi interminável. Mas isso mesmo é o destino do profissional da pena: escrever sempre, mesmo quando lhe não apeteça ou sinta que não está em transe de inspiração: é preciso andar para a frente — que a barriga não queira fiador...

EXERCÍCIO ESPIRITUAL

O público lisboeta — o público de São Carlos... — pôde ver agora a terceira temporada de bailados portugueses do grupo «Verde Galo». Não tem aqui lugar a apreciação do valor artístico da obra concebida ou do trabalho daqueles que a realizaram — que isso estaria fora dos limites deste lugar, mas merece assinalar-se a significação da iniciativa e do seu ritmo de continuidade. É inegável que obras desta índole fazem subir o nível da cultura e da mentalidade do meio — e o meio é constituído por todos nós, os que gostamos, ou os que somos ou julgamos ser indiferentes, ou mesmo aquêles que dizemos mal. É uma escola de gosto que se cria. Mesmo quando se desgosta ou se encolhem os ombros de descrença — não há que falar de despeitos — faz-se corrente de idéias, põe-se em equação um problema de estética, discute-se alguma coisa que vale a pena discutir. Que mais não fosse, dever-se-ia ao «Verde Galo» essa natureza de pretexto, de motivo para ginástica de espírito. Já não seria pouco.

O PREÇO DO GÁS

VEIO a público a informação de que, a partir de Janeiro, aumentará o preço do gás. Sob o ponto de vista aritmético, os aumentos serão irremediáveis: aumentam os transportes, aumenta o carvão, aumenta o preço de fabrico, está justificado o aumento do preço de venda do produto. Sob outros pontos de vista — seria preciso fazer entrar em linha de conta a distribuição de sacrificios, medindo bem desde onde é que eles têm que ser impostos ao consumidor e até onde é que podem ser suportados pelo produtor. Estas coisas são mais difíceis de fazer, mas a hora das dificuldades não pode pressupor as soluções mais fáceis.

ACTO DE JUSTIÇA

Foi determinado que as praças de pré galardoadas com a Torre e Espada passem a ter direito a uma pensão mensal de 300\$00. Não é nada. Mas essa pensão estava em 15\$00. Na sua maioria, esses homens são pessoas modestas, velhos servidores do Estado, que guemaram por terras de África na construção dos alicerces da soberania nacional. Portaram-se como heróis — e o seu heroísmo foi reconhecido com a outorga da mais alta condecoração da pátria. O tempo, porém, passou por eles e fez os estragos a que nenhuma vida consegue poupar-se. Alguns vivem em condições de verdadeira miséria, que nem se harmoniza com a sua simples condição de homens, menos ainda com a condição de heróis reconhecidos. Esta decisão tem, assim, o significado de uma grande e justa reparação. A justiça é sempre benévola — e nunca é tarde para se reparar um erro.



SÃO 15 horas e o leilão, que se iniciou às 14, prossegue com toda a força: — Seis contos, novecentos e dez! Ninguém dá mais! Três!

O sr. Jaime Borges, que é o pregoeiro deste leilão da Alfândega, «deu» a última. São para o sr. Raúl Sampaio as 273 garrafas de «whisky» — 273, hein? — que a guarda-fiscal apanhou quando entravam surreitamente pelo buraco da fechadura da Alfândega...

O leilão prossegue, ainda no velho edifício — quem havia de levar tanto ferro-velho para as novas instalações? — e como a gente se apinha e a sala é muito pequena — paira por toda a parte um ar pesado e viciado. Lá está, em frente, a mesa grande: na cadeira ao meio, boa e em coiro — está o director da Alfândega, o sr. Pedro Sotto Mayor; ao lado, os srs. Franklin de Oliveira, que é o encarregado do armazém de leilões, e o escrivão das vendas, sr. Luis Rebêlo Teixeira.

Aquêles que amaldiçoam o fisco, na hora H, em que são apanhados na passadela aos direitos — nem sonham a que mãos amáveis vai parar o seu rico contrabando... Porque se soubessem...

* * *

O leiloeiro prossegue na sua rotina:

— Um pijama de seda e um vestido! Duzentos escudos!

O pijama e o vestido passam de mão em mão. «Elas» são as mais interessadas. Os lanços começam, o preço sobe...

Fazem-se os assentos no livro grande das listas do leilão. Lá fica o cadastro: valor atribuído, valor atingido, número do processo, nome do arrematante...

O escrivão das vendas anda de um lado para o outro com os cálculos. Traz a papelada, para preencher:

— O senhor arrematou? Pois, então, conte já 25 por cento do valor oferecido...

E o dinheiro passa para a Alfândega, que fica com a mercadoria, até ser levantada, em troca do dinheiro.

* * *

Agora, com a guerra, todos estes artigos postos a leilão têm uma procura feroz. E as disputas são tão grandes, que quasi sempre se acaba por comprar tudo mais caro do que o seu valor real ou corrente no mercado... Às vezes — e quando é sucata? — o termómetro

OS leilões na Alfândega

QUEM DÁ MAIS?

Ha automoveis, vinho, fazendas e tudo o mais que interessa

dos lanços sobe tanto, que até faz dores de cabeça a quem paga, quando cai em si e reconhece que «aqueceu» demais...

Uma furtadela de olhos dá-nos números curiosos, a respeito do último leilão — efectuou-se na quinta-feira passada — em que havia de tudo: 230 gramas de platina, arrematadas por 39.400\$00 que, com as taxas, contos e descontos, vão a 42 mil escudos (mais dois contos, aproximadamente, do que deveria custar cá fora); uma porção de relógios de pulso, marca «Tissot», por 9.450\$00; uma jangada por 810\$00, e duas baleiras no valor de 15.850\$00...

E havia também um automóvel, que foi vendido por 10.050\$00, e que um refugiado abandonara na Alfândega...

É claro que a jangada, o automóvel e as baleiras não foram para a sala de leilões... Isso são coisas pesadas que os arrematantes não vão ver ao armazém, mas ali mesmo, a Condição de Obidos, porque as embarcações até estão à tona de água...

A jangada pertenceu a algum navegador solitário e excêntrico que autoridades portuguesas quiseram proteger da fúria do Oceano; as baleiras têm a sua história triste ligada aos dramas da

guerra...

Coisas que dão à costa...

O público é heterogéneo: gente do comércio, oportunistas, particulares à espreita da compra «em



AO ALTO — Ninguém dá mais? Três!

EM CIMA — ... está o director da Alfândega; ao lado, os srs. Franklin de Oliveira e Luis Rebêlo Teixeira...

EM BAIXO — O público é heterogéneo...

conta. A casa dos leilões está ali mesmo à mão e nada custa a entrar. Cá fora, em grupos, comentam-se as cotações da Bolsa e, principalmente, sente-se a epidemia dos negócios de guerra: «é negócio fechado»... «já foi sinalizado»...

Amanhã — ou daqui a dias — repetem-se os leilões: mercadorias em armazém há mais de dez meses, umas vindas em trânsito e que não mais passaram, outras retidas por motivos comerciais — todas elas a pejar até mais não os barracões da Alfândega, quando há tanta coisa que ali se está a estragar...

Preparem-se, pois, os «comerciantes», os «intermediários», os «esportos» e os «patetas», que a função vai ser de monta...



RUMORES DO MUNDO



Noticiou-se recentemente que Lord Gort, governador da ilha de Malta, chegara a Londres. Qual a principal causa desta visita?

O marechal Lord Gort encontra-se ferido, em consequência de queimaduras sofridas durante uma incursão aérea.

Segundo parece, o governador de Malta foi informado de que se ateara um incêndio num depósito de gasolina e, como avaliasse pelo seu justo valor a escassez de combustível a que a ilha estava sujeita nesse momento, resolveu dirigir pessoalmente o grupo de «bombeiros» de emergência, recrutados à pressa.

Ao tentar salvar alguns tambores de gasolina, o marechal deixou escorregar um que lhe rebentou aos pés. A essência de gasolina incendiou-se e Lord Gort ficou bastante ferido. Um dos soldados que assistiu ao caso, na sua atrapaalhada, lançou um jacto de água sobre Lord Gort, mas, tal tentativa de salvamento só teve como resultado uma maior propagação das chamas.

Como o clima da ilha de Malta prejudica o tratamento de queimaduras, foi resolvido que Lord Gort devia seguir o mais depressa possível para Londres, onde está, agora, sujeito a um tratamento especial.



Qual é o novo comandante supremo dos submarinos britânicos?

É o contra-almirante Claud B. Barry que estava encarregado de organizar, no Médio Oriente, a ofensiva submarina contra os comboios de reabastecimento de Rommel.

O almirante Barry tem cinquenta e um anos e sucede a sir Max Horton que foi agora nomeado comandante supremo das costas ocidentais e o qual ficou a dirigir a batalha do Atlântico contra os submarinos do Eixo.

O contra-almirante Barry fez serviço nos submarinos durante a outra guerra, e comandou o «Queen Elizabeth» e o «Valiant» enquanto estes navios operaram no Mediterrâneo, durante o Verão passado; depois, foi nomeado comodoro do Estado Maior do almirante sir James Somerville que comandava a esquadra oriental.

Durante algum tempo, fez também parte duma missão secreta encarregada de estudar a guerra submarina.

Quais foram as principais observações postas em destaque pelos jornalistas que tomaram parte no bombardeamento a Berlim?



Todos os correspondentes aeronáuticos britânicos foram unânimes em frisar o contentamento dos aviadores, ao saberem que o objectivo da incursão era

Berlim; a fraqueza da defesa anti-aérea; a quase inexistência de projectores, pois só foram avistados seis; e a extensão dos incêndios causados na área da capital alemã.



Em que altura se encontra a mobilização do potencial militar humano dos Estados Unidos?

O número de soldados mobilizados e já em operações não é conhecido, o que, aliás, não deixa de ser natural. No entanto, segundo as últimas notícias, o alto comando norte-americano pensa em ter em pé de guerra, no fim deste ano dez milhões de homens e prepara-se para desencadear ataques simultâneos, nos teatros europeu e asiático, em 1944.



Quem é o marechal von Kuchler?

É o homem a quem os alemães passaram a conhecer pelo nome do «Vencedor de Dunquerque». Tem 60 anos e comandou um dos exércitos que derrotaram a Polónia.

Durante a campanha do ocidente, conquistou Antuérpia e dirigiu o grande movimento envolvente que cercou o corpo expedicionário britânico em Dunquerque.

As forças sob o seu comando foram as primeiras a entrar em Paris. Quando a Alemanha atacou a Rússia, foi-lhe dado o comando geral da campanha no sector norte, embora fôsse von Leeb que comandasse as forças em operações.

Em Junho de 1942, foi promovido de general a marechal e, em Outubro, substituiu von Leeb, que não

conseguiu tomar Leninegrado em 1941.

Até há pouco, von Kuchler evitava com êxito o rompimento do cerco de Leninegrado e chegou a vangloriar-se de que o anel estabelecido em torno dessa cidade era impenetrável.



Quem é o general Spaatz, e qual a missão de que foi incumbido?

O major-general Carl Spaatz é o novo comandante supremo das forças aéreas aliadas do Norte de África, e desempenhou até há pouco tempo o cargo de comandante das forças aéreas do exército dos Estados Unidos, em operações no teatro europeu.

As forças aéreas aliadas, de que o general Spaatz assumiu agora a direcção, compõem-se do Comando aéreo do oriente, que está sob a chefia do marechal do Ar britânico, sir William Welsh, da 12.ª força aérea dos Estados Unidos, que é dirigida pelo general americano James Doolittle, e de algumas unidades francesas, subordinadas a um destes comandos principais.



Ultimamente, têm sido feitas bastantes referências à possibilidade da Turquia vir a ser envolvida no conflito mundial. Quais são os problemas que tornam incerto o futuro da Pátria de Ismet Inonu?

Como país balcânico e membro da Entente Balcânica, a Turquia estava e está directamente interessada no que acontece naquela península; por outro lado, é também membro do Pacto de Saadabad — que foi recen-

tamente prorrogado por mais cinco anos. Por consequência, sente-se afectada por tudo o que diz respeito à Pérsia, Iraque e Afeganistão, estando indirectamente ligada ao destino dos países árabes.

Além disso, a Turquia possui uma extensa linha de costa no Mediterrâneo e, consequentemente, a segurança e o domínio da parte oriental daquele mar não podem ser-lhes indiferentes. E, se olharmos para a sua restante costa marítima veremos que o mesmo se aplica ao Mar Negro.

A Turquia tem igualmente a seu cargo a responsabilidade da vigilância e defesa do Estreito dos Dardanelos, encargo de que foi investida pelas cláusulas da Convenção de Montreux, que a obrigam a manter a liberdade e a segurança daquela passagem vital. Para complicar esta série de problemas, o território turco está situado, precisamente, na histórica rota, seguida pelas falanges de Alexandre, o Grande, pelas legiões romanas e pelos cavaleiros das Cruzadas, que partiram da Europa à conquista da Ásia, e, ainda, em sentido contrário, pelos guerreiros asiáticos que invadiram a Europa, tal como Xerxes e os seus exércitos na antiguidade clássica e mais, recentemente, os otomanos, que podem inspirar imitadores entre os conquistadores da actualidade...



Quem é Marcel Peyrouton?

Peyrouton é um político francês que conhece intimamente a estrutura interna de todo o Império africano, pois, durante muitos anos, foi, sucessivamente, administrador colonial da África Ocidental francesa, secretário do governador geral da Argélia, alto comissário em Marrocos e residente geral na Tunísia. É um adepto convicto dos métodos policiais drásticos e, durante o último período da III República, a maneira, um pouco violenta, como governou a Tunísia, causou bastante preocupação ao Ministro dos Negócios Estrangeiros da França.

O regime de Vichy tem a agradecer-lhe ter evitado, em Julho de 1940 que a Argélia, Tunísia e Marrocos se reunissem à Grã-Bretanha. Foi ele quem conseguiu convencer o general Nogués a fazer causa comum com os governantes de Vichy. Peyrouton foi, durante algum tempo, ministro do Interior e questionou com Laval, sem que, no entanto, este incidente tivesse qualquer relação com os factos actuais.

Depois disto, Marcel Peyrouton desempenhou ainda, por nomeação do governo de Vichy, o cargo de embaixador em Buenos Aires. Todavia, quando Laval foi, pela segunda vez, elevado ao poder em Abril de 1942, Peyrouton pediu a sua demissão e recusou-se a voltar a França.



APRENDA RADIO
Encontrará nos nossos cursos um ensino atraente, completo e fácil
Peça folhetos grátis á
ACADEMIA NACIONAL DE RADIO
AVENIDA DR. MANUEL LARANJEIRA, 12 PORTO

CREMES
PARA DE DIA
E PARA DE NOITE
ACADEMIA CIENTÍFICA DE BELEZA
Avenida da Liberdade, 35
Telef. 2 1866 — LISBOA
Os produtos de beleza
RAINHA DA HUNGRIA
Para peles normais, embelezam, rejuvenescem e eternizam a mocidade
Salões de estética e de tratamento de beleza por processos científicos

HISTÓRIA DA NOVA GUERRA MUNDIAL

* por Carlos Ferrão *

Capítulo XIII - o enigma nipónico

1

O JAPÃO NO ANO DE 1940

A derrota da França, em Junho de 1940, foi o ponto de partida para a intervenção do Japão na guerra, ao lado das potências do Eixo. Os intervencionistas japoneses tinham experimentado na China uma série de reveses militares, infligidos não apenas pelos exércitos regulares do marechal Chang-Kai-Chek, como também pela acção persistente dos guerrilheiros que incomodavam incessantemente as forças nipónicas em operações. O governo de Wang-Ching-Kei tinha-se mostrado incapaz de ligar à sua causa uma fracção importante da população chinesa. Nessa época, as botas sobrietas pelos japoneses eram já avaliadas em mais de 1 milhão de indivíduos, entre mortos, feridos e prisioneiros.

A derrota da França e as dificuldades com que a Grã-Bretanha lutava na Europa animaram os dirigentes japoneses, partidários da causa do Eixo, a insistir por uma colaboração mais estreita com o Reich e com a Itália. Segundo os defensores dessa tese, a cooperação do Japão com aquelas duas potências europeias dar-lhe-ia, sem nenhum sacrifício especial, a herança dos três impérios inglês, francês e holandês, no continente asiático, no Pacífico e nos mares da China. Se não fizesse isso com um sentido claro da oportunidade, o Japão arriscar-se-ia a

ver os alemães e os italianos recolher a herança que os agentes de Tóquio há muito reivindicavam.

Foi para definir nesse sentido a posição japonesa que o ministro dos Negócios Estrangeiros, Arita, proferiu, seis dias depois da assinatura do Armistício, um discurso radiodifundido em que, embora afirmando a intenção japonesa de não intervir no conflito desencadeado na Europa, mostrava a necessidade e o direito que assistia ao Japão de dominar a esfera de influência ou espaço vital em que a sua acção podia exercer-se eficazmente. Para definir esse espaço vital, o ministro dos Estrangeiros nipónico indicou concretamente a Indo-China, a Tailândia, a Malásia e os arquipélagos das Índias Holandesas e das Filipinas, além da Nova Guiné e das Ilhas Salomão.

O MINISTÉRIO KONOYE

O discurso de Arita não produziu nos meios intervencionistas de Tóquio a impressão favorável que seria de esperar. Sobretudo os meios militares manifestaram, a respeito dele, uma reserva que não podia ser interpretada como um aplauso incondicional. Nos Estados Unidos, o discurso foi recebido com hostilidade e os comentários que provocou reflectiam o mau humor transparente da imprensa norte-americana. Em consequência do discurso, e para manifestar a sua discordância com ele, o ministro da Guerra japonês, general Hata, demitiu-se. A demissão do ministro da Guerra aconteceu, alguns dias depois, a demissão completa do gabinete a que presidia o almirante Yonai. Para lhe suceder, foi escolhido, pela segunda vez, o Príncipe Konoze, que organizou, rapidamente, o elenco dos seus colaboradores, entre os quais figurava uma personalidade muito conhecida e discutida, tanto no interior do Japão, como para além das fronteiras deste país. Tratava-se do novo ministro dos Negócios Estrangeiros, Matsuoka. O governo a que presidia o príncipe Konoze era constituído por 12 oficiais do exército e da armada, três grandes industriais e um político. Dando conta da solução que conseguira, o Príncipe Konoze avisou os seus compatriotas de que não deviam ser optimistas e que, pelo contrário, lhes era necessário ser cautelosos e prudentes, não se esperando benefícios ou ganhos imediatos.

O novo ministro dos Negócios Estrangeiros, Matsuoka, iniciou o

seu trabalho, procedendo a uma transformação profunda no elenco do pessoal diplomático em serviço. Para isso, demitiu quarenta representantes japoneses no estrangeiro, entre os quais se contavam os embaixadores em Washington, Paris, Ankara e Rio de Janeiro. Foi criada a função de vice-ministro dos Negócios Estrangeiros, tendo sido nomeado para a desempenhar um diplomata de carreira, o ministro Ohashi.

Em matéria de política interna, o príncipe Konoze nomeou uma comissão de peritos com o encargo de estudarem e apresentarem o projeto de uma nova constituição, que devia respeitar as tradições nacionais e não obedecer a qualquer modelo estrangeiro.

O ENCERRAMENTO DA ESTRADA DA BIRMANIA

Entretanto, as relações do Japão com os vários países de Velho e do Novo Mundo agravavam-se de maneira considerável. Entre o Japão e a Grã-Bretanha houve recriminações recíprocas que quasi iam terminando pela rotura de relações diplomáticas. Os japoneses queixavam-se constantemente de que pela colónia britânica de Hong-Kong transitava muito material de guerra que era largamente utilizado pelos nacionalistas chineses. Queixava-se mais de que a estrada da Birmânia, a qual corria em território britânico, constituía a principal via de trânsito para abastecer os exércitos do marechal Chang-Kai-Chek.

A situação criada pelo trânsito de material de guerra pela estrada da Birmânia foi objecto de demoradas conversações entre o ministro dos Estrangeiros japonês e o embaixador da Grã-Bretanha, sir Robert Craigie. No dia 18 de Julho, o Primeiro ministro Winston Churchill anunciou que o governo britânico, para dar satisfação às solicitações instantes do governo japonês, decidira encerrar, pelo prazo de três meses, a estrada da Birmânia ao trânsito de materiais de qualquer espécie. A atitude do gabinete britânico provocou uma reacção muito enérgica em vários sectores da opinião pública. Tanto em Moscovo como em Washington, o sentimento de desgosto apareceu também traduzido nas declarações categóricas de alguns elementos políticos. A principal justificação encontrada para a atitude do gabinete de Londres foi a de que a ameaça japonesa poderia impedir o funcionamento regular das rotas marítimas imperiais. Entretanto, as conversações entre o ministro dos Estrangeiros



Matsuoka

japonês e o embaixador Craigie prosseguiram, a fim de se poderem dissipar os mal entendidos numerosos que continuavam a subsistir entre os dois países.

Em Julho e Agosto, deu-se no Japão uma série de incidentes em que se viram envolvidos vários súbditos britânicos, não tendo as reclamações formuladas a esse respeito, pelo gabinete de Londres, obtido qualquer satisfação por parte dos dirigentes nipónicos. Foi nessa altura que o presidente Roosevelt aplicou o embargo à exportação de carburantes que não fossem destinados aos países do hemisfério ocidental, tendo esta resolução provocado uma reacção japonesa muito enérgica.

A OCUPAÇÃO DA INDO-CHINA

Durante esse período, a Indo-China constituiu a principal preocupação dos dirigentes japoneses. A posse, ou pelo menos o domínio desta extensa e riquíssima colónia francesa, daria ao Japão as bases navais necessárias para que a sua armada pudesse atacar, com êxito, a Malásia, Singapura e as Índias Holandesas e fornecer-lhe-ia também os aeródromos indispensáveis para que os japoneses pudessem atacar oportunamente a China e a Birmânia, com a sua estrada de abastecimentos para a China.

Quando a França assinou o Armistício de 22 de Junho, o governador geral da Indo-China era o general Catroux, um colonial muito conhecido pela sua competência e decisão. O general Catroux resignou as suas funções, para aderir ao movimento chefiado pelo seu camarada De Gaulle, e foi substituído pelo almirante Decoux. Os intervencionistas japoneses mostraram que chegara a oportunidade de intervir enérgicamente na Indo-China e pediram que se iniciassem imediatamente negociações directas com o almi-



Arita



rante Decoux, para se obterem as bases aéreas e navais de que o Japão precisava. O almirante Decoux recusou-se a dar satisfação imediata a esta solicitação e pediu instruções ao governo de Vichy, o qual aceitou o princípio das negociações, que foram conduzidas simultaneamente na Indo-China, entre o almirante Decoux e o general Nashahira, e, em Tóquio, entre o ministro dos Estrangeiros, Matsuoka, e o embaixador francês, Arsene Henry.

O ACÓRDO DE HANOI

O embaixador dos Estados Unidos em Tóquio, Grew, fez saber ao governo nipónico que o seu país se interessava vivamente pela manutenção do «statu quo» na Indo-China. Era a resposta americana ao pedido japonês, para que o governador daquela colónia francesa cedesse alguns aeródromos e permitisse a livre passagem de tropas nipónicas pelo território do Tonquim. O Secretário de Estado, Cordell Hull, repetiu, mais tarde, esta advertência, no que foi acompanhado pelo governo britânico. Durante algumas semanas, o almirante Decoux resistiu à pressão da delegação japonesa, presidida pelo general Nashahira. Este pedia consentimento para desembarcarem doze mil japoneses em Haiphong, solicitando, ao mesmo tempo, que esses soldados fossem transportados até ao limite da fronteira chinesa. A sua atitude estava, porém, condicionada pelas resoluções do governo de Vichy e este encontrava-se numa situação particularmente delicada para resistir à pressão nipónica, que era naturalmente apoiada pelas solicitações do Reich. Na previsão de que as coisas se complicassem na Indo-China, o governo de Chung-King tomou algumas medidas de precaução que consistiram, principalmente, na inutilização de pontes que estabeleciam as comunicações entre os territórios da China e da Indo-China. Foi nesta fase da evolução dos acontecimentos no continente asiático, que se situou a intervenção da Tailândia. A neutralidade tailandesa estava garantida por diversos tratados, que os signatários haviam assumido o compromisso de respeitar, quaisquer que fossem as circunstâncias.

Em 13 de Setembro, inesperadamente, o governo de Bangkok pediu a devolução dos territórios a que se julgava com direito e que haviam sido incorporados na Indo-China francesa e de maneira especial do território de Laos. A Tai-

lândia havia assinado, recentemente, um pacto de não agressão com o governo francês e ameaçava denunciá-lo, no caso de não ser dada satisfação às suas reivindicações. A circunstância de ainda não haver sido ratificado o referido pacto dava uma importância e um significado maiores aos pedidos de Bangkok. Os observadores neutrais tiraram da atitude tailandesa a conclusão de que se tratava de beneficiar das dificuldades em que a França se debatia, pondo um preço cada vez maior às solicitações que fazia. A sua atitude, se não era inspirada, era, segundo todas as probabilidades, apoiada pelo governo japonês.

Em 20 de Setembro, começou a circular a notícia de que o governo de Vichy se decidira a dar satisfação aos pedidos japoneses, embora não fôsse fácil avaliar nem a natureza nem a extensão da transigência francesa. Dias depois, o acordo franco-nipónico era assinado em Hanoi, dando satisfação à quasi totalidade dos pedidos formulados pelo governo de Tóquio. No dia seguinte, as tropas japonesas atravessavam a fronteira do Tonquim, tendo havido inicialmente alguns recontros sem consequências de vulto com tropas francesas, cujos comandos não tinham ainda um conhecimento perfeito do que se passava. Apesar disso, o número de baixas entre os soldados indígenas elevou-se a umas centenas. A aviação japonesa tomou uma parte importante nas operações de ocupação. Os termos do acordo de Hanoi nunca chegaram a ser publicados, mas é incontestável que, aos pedidos dos japoneses, foi dada satisfação quasi integral.

O governo de Chung-King apresentou um enérgico protesto em Vichy e tomou precauções para assegurar a defesa do caminho de ferro de Yunnan, que interessava, de maneira vital, à defesa do seu país. O governo de Washington também se não mostrou satisfeito com o que acontecera, embora um dos negociadores mais activos do acordo nipo-francês, o antigo ministro Pierre Baudouin, houvesse afirmado que os americanos tinham sido oportunamente avisados do que se preparava entre Vichy e Tóquio. O Departamento de Estado, para esclarecer e tranquilizar a opinião pública americana, publicou uma nota em que se afirmava que o governo dos Estados Unidos nunca tivera conhecimento nem aprovava os termos do acordo de Hanoi.

Em meados de Outubro, o go-



vêrno de Washington alargou o embargo, que já havia decretado para a exportação de carburantes, à exportação de aço, o que provocou um novo e enérgico protesto de Tóquio. O Japão via-se assim privado da sua principal fonte de abastecimento em metais, o que não podia deixar de criar dificuldades à sua indústria de guerra, que então fazia um esforço gigantesco.

A ASSINATURA DO PACTO TRIPARTIDO

Em 27 de Setembro, procedeu-se solenemente, no novo palácio da Chancelaria, em Berlim, à assinatura do instrumento diplomático que ficou sendo conhecido pela designação de pacto tripartido, o qual ligava as duas potências europeias do Eixo e o Japão. Esse instrumento diplomático foi assinado pelos ministros dos Negócios Estrangeiros do Reich, Ribbentrop, da Itália, comde Ciano, e pelo embaixador do Japão, Kurusu, especialmente enviado a Berlim para esse efeito. Aquelas três potências já se encontravam associadas pelo pacto anti-comunista. Caso curio-



so: o primeiro destes pactos, o pacto anti-comunista, como o seu nome indicava, era ostensivamente dirigido contra a U. R. S. S.; o segundo afirmava, de maneira taxativa, as excelentes relações que ligavam todos os seus signatários aos soviéticos, cuja política externa se encontrava, então, estreitamente associada à política externa do Reich, por virtude do pacto germano-russo de 23 de Agosto de 1939, que precedera de perto a eclosão da guerra na Europa.

O pacto tripartido indicava as esferas de influência (a designação posta em circulação pelas concepções geo-políticas do general Haushofer dava a essas esferas de influência o nome de espaço vital) reservando-se o Reich e a Itália um papel preponderante de direcção na Europa e reconhecendo a preponderância japonesa no continente asiático. Para realizar os objectivos consignados no pacto, os seus signatários comprometiam-se a prestar-se uma assistência total, de carácter político, económico e militar, no caso de qualquer das potências a que aludimos ser atacada por uma outra potência que ainda se não encontrasse envolvida no conflito europeu ou na guerra entre a China e o Japão. O aviso aparecia assim claramente dirigido aos Estados Unidos e tinha por objectivo concreto procurar evitar a intervenção

Confie
no
VINHO DO PORTO
COM O
SÊLO DE GARANTIA
DO INSTITUTO DO VINHO DO PORTO

desta última potência na guerra. O pacto previa a constituição imediata de comissões de peritos das várias especialidades que deviam reunir-se periodicamente para ajustarem os termos em que deveria efectivar-se praticamente a colaboração prevista no pacto.

Os signatários do pacto (que podia ser assinado posteriormente por outros países que estivessem de acordo com o seu espírito, o que efectivamente aconteceu com os aliados do Reich e da Itália na Europa, e com o Manchuro na Ásia) aproveitaram o acto da assinatura para, por intermédio dos seus representantes, tornarem conhecidos os pontos de vista que os haviam levado a organizar o novo agrupamento de potências. As reacções que a assinatura do pacto tripartido provocou em Londres e em Washington deram a medida exacta da verdadeira interpretação que nas duas capitais atribuíram ao acontecimento, que se destinava a ter as mais graves, na evolução da situação internacional. O presidente Roosevelt apressou-se a fazer uma declaração pública para pôr em relevo, perante o povo americano, a existência da nova ameaça que pesava sobre o seu destino, afirmando: «Como nação independente, os Estados Unidos estão na iminência de um perigo como nunca estiveram, desde que se constituíram como nação livre.»

Mais enérgica do que a reacção dos meios oficiais americanos foi a reacção da imprensa dos Estados Unidos. Os jornais de todo o país declararam, com uma unanimidade impressionante, que o povo americano estava firmemente decidido a responder à ameaça que o pacto de Berlim representava, dispondo-se a correr todos os riscos.

Quanto aos meios oficiais e à imprensa soviética, mantiveram um silêncio de circunstância, que tendia assim significar que, pelo menos na aparência, o assunto lhes era indiferente. Mas em Moscovo aproveitaram a oportunidade para dar a entender que o governo soviético não estava decidido a abandonar a China à sua sorte e que continuaria a prestar ao marechal Chang-Kai-Chek o auxílio em material que lhe fosse possível. A guerra da China entrava então no seu quarto ano e a resistência chinesa não dava mostras de enfraquecer. Essa circunstância influíu decisivamente na elaboração e na assinatura do pacto tripartido.

(Continua)

Entre nós



Na presença do sr. Presidente da República e dos srs. Ministro da Educação Nacional e Sub-Secretário de Estado da Guerra, Embaixador de Espanha, Ministros da Argentina, do México e do Peru, e de muitas outras individualidades, encerrou-se a Exposição de Cartografia Indiana, no Museu Nacional de Arte Antiga.



Os delegados aos Conselhos Plenários Nacionais da Liga dos Homens Católicos e da Juventude Católica Masculina, foram recebidos na última segunda-feira pelo sr. Cardinal Patriarca.

Quando da estada no Porto do maestro Malcolm Sargent, foi-lhe oferecida uma recepção na «Feitoria Inglesa» daquela cidade. À direita do grande balcão de orquestra inglês, vê-se a directora do Conservatório do Porto e à esquerda a violoncelista Guilhermina Suggia.



Perante o sr. tenente-coronel Nepomuceno de Freitas, Enfermeiro-Mor dos Hospitais, tomaram posse do cargo de «internos» dos Hospitais Cívicos os srs. drs. Porfírio de Oliveira Amado, Domingos Arnaldo Martins Nunes, António Manuel da Costa Quinta, Maria Laudelina Coelho Pereira, José João Andrezen Leitão, Jaques José Francisco Resina, Francisco José da Costa Santana Leite e José Ferreira Malaquias.



Aspecto da recepção à colónia alemã, no último sábado, comemorativa do 25.º aniversário da subida de Hitler ao poder.



Figuras da Vida
MUNDIAL



GENERAL SIR ALAN BROOKE
Chefe do Estado Maior Imperial inglês

(Caricatura de SANTANA)

UM POUCO DO MUITO QUE SE PODE VER NA ESCRITA...

Por CLOTILDE RANDI

Um dos aspectos mais interessantes e trabalhosos da grafo-psicologia, porque exige do grafólogo extensos conhecimentos de psicologia, é o da *resultante*.

Resultante em grafo-psicologia, é o produto da combinação de vários traços do carácter, cujos elementos são fornecidos pela grafo-psicologia.

Iniciaremos o leitor...
Classificam-se as resultantes em quatro géneros: resultantes de intensidade, derivativas, de orientação e sobreposição.

As resultantes de *intensidade*, as mais simples, são obtidas por sinais grafo-psicológicos da mesma natureza que, dirigidos no mesmo sentido, reforça a conclusão.

Um exemplo:
Escrita ascendente: actividade.
Escrita rápida: actividade.
RESULTANTE: grande actividade, ardor.

As resultantes *derivativas* nascem de qualidades diferentes que, unindo-se, se transformam, dando, por consequência, lugar a uma nova conclusão.

Um exemplo:
Escrita muito desigual: sensibilidade aguda.
Escrita super-elevada: grande amor próprio.

RESULTANTE: susceptibilidade.
Outro exemplo:
Hesitação e imaginação: perplexidade.

Ainda outro exemplo:
Muita afectividade + egoísmo = ciúme.
As resultantes de *orientação* são produzidas pelo único encontro de elementos variados, sem que estes elementos tenham de se combinar.

Exemplos:
Escrita fuzelada: sensualidade.
Escrita espessa: sensualidade.
Escrita simples: modéstia.

RESULTANTE: inclinação para uma mulher modesta.
Escrita fuzelada: sensualidade.
Escrita espessa: sensualidade.

Escrita muito super-elevada: orgulho.
RESULTANTE: inclinação para uma mulher ostenitosa, amiga do luxo.

As resultantes de *sobreposição* são condicionadas pela combinação do

produto de várias resultantes.

Exemplo:
Escrita lançada: arrebatamento.
Escrita ascendente: ardor.
Escrita super-elevada: orgulho.
Escrita progressiva: altruísmo.
Escrita rápida: actividade.
RESULTANTE primeira: desenvolvimento, ardor.
RESULTANTE final: bravura, audácia, temeridade.

Para os leitores de «Vida Mundial Ilustrada» mantemos este consultório.

Assim, podem enviar-nos espécimes de escritas para análise, assinados ou rubricados e com um pseudónimo.

Publicaremos a resposta gratuitamente, que será concisa.

Quando o correspondente deseje, porém, uma resposta rápida e particular, embora com a mesma concisão, escreva directamente para o Instituto Grafológico Português, acompanhando a carta de dez escudos ou de vinte escudos, interessando-lhe uma análise desenvolvida.

ESTUDOS, CURSOS, PARECERES
GRAFOPSIOLÓGICOS
no Instituto Grafológico Português
Rua Chaby Pinheiro, 23, 2.º Esq.
L I S B O A

CONSULTÓRIO PSICO-GRAFOLÓGICO

UMA CURIOSA COMO HÁ MUITAS
— 17 — O gosto de objectar, um temperamento cheio de vivacidade, o hábito indomável de falar demasiado, de recalcitrar, de maçar o próximo.

JOAQUIM DA AVENIDA — 18 — Vaidade, muita vaidade, sobretudo vaidade. O restante é uma consequência...
Aliás, não é má pessoa.

AMIGO DE PENICHE — 19 — Cultura, espírito de adaptação... e um grande prazer em provocar, por várias formas, um bom efeito, um grande efeito nos outros. É pena...



EMISSÕES DOS ESTADOS UNIDOS EM LÍNGUA PORTUGUESA

(Recorte esta Tabela para referência futura)

HORAS	ESTAÇÕES	ONDAS CURTAS	
5.15	WEBX	31.1 m.	9.650 kc/s.
7.45	WRUW	49.6 m.	6.040 kc/s.
9.45	WBOS	48.8 m.	6.140 kc/s.
11.45	WBOS	25.3 m.	11.870 kc/s.
15.45	WBOS	19.7 m.	15.210 kc/s.
15.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
17.45	WGEA	25.3 m.	11.847 kc/s.
19.45	WGeo	31.5 m.	9.530 kc/s.
20.45	WGeo	31.5 m.	9.530 kc/s.
23.15	WDJ	39.7 m.	7.565 kc/s.

EMISSÕES DIÁRIAS

OIÇA a VOZ da AMÉRICA em MARCHA

ESCUTAI

ROMA

NOVO HORÁRIO
NOTICIÁRIO EM LÍNGUA PORTUGUESA
TODOS OS DIAS

Portugal Horas de	Programa	Postos	Metros	Kc/s
7,50	Noticiário	2 RO 21	19,92	15060
		2 RO 4	25,40	11810
12,20	Comunicado de guerra	2 RO 17	15,31	19590
		2 RO 8	16,84	17820
14,10	Noticiário	2 RO 6	19,61	15300
		2 RO 11	41,55	7220
17,00	Noticiário	2 RO 22	25,10	11950
		2 RO 17	15,31	19590
21,50	Noticiário	2 RO 66	19,61	15300
		2 RO 22	25,10	11950
		2 RO 18	30,74	9760
		2 RO 3	31,15	9630
		221,10 ondas	263,20 métricas	
24,00	Noticiário	2 RO 22	25,10	11950
		2 RO 19	29,04	10330
		2 RO 18	30,74	9760

CONVERSÇÕES EM LÍNGUA PORTUGUESA

21.10	aos domingos	39.80
21.20	às quartas-feiras	31.41

E. I. A. R. CENTRO RADIO IMPERIALE

O SORRISO DAS QUINTAS-FEIRAS



— Os afazeres de meu marido não lhe permitem estar em casa mais do que uma hora!
— Oh! Mas isso deve ser para ti bastante arrelizador.
— Parece-te, filha!... Bem vêst — uma hora depressa passa...

A marinha mercante tem tido, nesta guerra, o seu bom quinhão no sacrifício comum. Na sua luta contra os submarinos, os velhos «lobos do mar» têm-nos dado, por vezes, admiráveis exemplos de coragem e até de heroísmo. A foto mostra-nos o Presidente Roosevelt condecorando um deles — um capitão da marinha mercante do seu país que, atacado constantemente pelos torpedos alemães, conseguiu levar o seu barco a pôrto de salvamento.



Leia neste número de «VIDA MUNDIAL ILUSTRADA»:
NATÁLIA VIANA, ARTISTA PORTUGUESA POR UM TRIZ...
fala-nos de si, da sua arte e da Bélgica...
Uma reportagem de Manuela de Azevedo